

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE
PRODUÇÃO**

RAZIERI BERTI KLUWE

ANÁLISE E AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE BOITEUXBURGO

**FLORIANÓPOLIS
2005**

RAZIÉRI BERTI KLUWE

ANÁLISE E AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE BOITEUXBURGO

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Engenharia de
Produção da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em
Engenharia de Produção

Orientador: Prof. Luiz Gonzaga de Souza
Fonseca, Dr.

**Florianópolis
2005**

Ficha Catalográfica

K66a KLUWE, Razieri Berti

Análise e ações para o desenvolvimento de Boiteuxburgo. /
Razieri Berti Kluwe, 2005.

132f.: il., tabs

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa
Catarina.

Referencias: f. 83 – 87

Bibliografia consultada: f. 88 - 91

1. Migração rural-urbana - teses. 2. Desenvolvimento rural –
aspectos socioeconômicos - teses. I. Título.

CDU: 332.021.8

RAZIÉRI BERTI KLUWE

ANÁLISE E AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE BOITEUXBURGO

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de **Mestre em Engenharia de Produção no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção** da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 16 de dezembro de 2005.

Prof. Dr. Edson Pacheco Paladini

Banca Examinadora

Prof. Luiz Gonzaga de Souza Fonseca, Dr.
Orientador

Prof. Gerson Rizzatti, Dr.

Prof. Pedro Antônio de Melo, Dr

A minha querida filha Sophia Jacobs Kluwe (In memórian)

***A Paty, por ter sido e por ser, antes da esposa, a
companheira, a amante, a vida e a amiga de todas as
horas mais difíceis.***

AGRADECIMENTOS

Não quero simplesmente agradecer, quero trazer para dentro do meu texto aqueles que já o percorrem nas entrelinhas. E não só aos que me ajudaram efetivamente na construção dessa Dissertação, mas aos amigos que comigo compartilharam idéias, criaram discussões, me trouxeram pérolas textuais, que construíram frases aqui alimentadas.

A meu amigo e orientador Gonzaga, por ter me aceito e compreendido tão bem minha luta,

A Karina Jachowicz pelo interesse demonstrado no desenvolvimento de Boiteuxburgo e pelo apoio às primeiras reuniões.

A Sirlei que viu no detalhe de minhas rasuras uma potência de reflexão para este trabalho.

Aos meus Diretores José Luiz Ungerich e Augusto Vitorio Servelin pelo apoio.

A Minhas colegas Glória e Simone pelas colaborações .

A minha mãe e meu pai pela importância da construção e coerência de meus próprios valores, isso conta muito!

Àqueles que me ajudaram, de alguma forma, no percurso deste tempo e, principalmente, a terminar este trabalho, sem perder a vibração, agradeço de coração.

E por fim sem jamais esquecer, a Deus, pela luz, pela força, coragem e perseverança ao longo de todo este período.

*Que a força do medo que tenho não me impeça de ver o que anseio
Que a morte de tudo em que acredito não me tape os ouvidos e a boca
Porque metade de mim é o que eu grito, a outra metade é silêncio.
Que a música que ouço ao longe seja linda ainda que tristeza
Que a mulher que amo seja pra sempre amada mesmo que distante
Porque metade de mim é partida, a outra metade é saudade.
Que as palavras que falo não sejam ouvidas como prece nem repetidas com
fervor
Apenas respeitadas
Como a única coisa que resta a um homem inundado de sentimentos
Porque metade de mim é o que ouço, a outra metade é o que calo.
Que a minha vontade de ir embora se transforme na calma e paz que mereço
Que a tensão que me corrói por dentro seja um dia recompensada
Porque metade de mim é o que penso, a outra metade um vulcão.
Que o medo da solidão se afaste
E o convívio comigo mesmo se torne ao menos suportável
Que o espelho reflita meu rosto num doce sorriso que me lembro ter dado na
infância
Porque metade de mim é a lembrança do que fui, a outra metade não sei.
Que não seja preciso mais do que uma simples alegria pra me fazer aquietar o
espírito
E que o seu silêncio me fale cada vez mais
Porque metade de mim é abrigo, a outra metade é cansaço.
Que a arte me aponte uma resposta mesmo que ela mesma não saiba
E que ninguém a tente complicar, pois é preciso simplicidade pra fazê-la
florescer
Porque metade de mim é platéia a outra metade é canção.
Que a minha loucura seja perdoada porque metade de mim é amor
e a outra metade também*

Metade (Oswaldo Montenegro)

RESUMO

KLUWE, Razieri Berti. **Análise e Ações Para o Desenvolvimento de Boiteuxburgo**. 2005. 132f. Dissertação (Mestrado) - Engenharia de Produção, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

Esta dissertação propõe ações para gerar mecanismos que mantenham os moradores da localidade de Boiteuxburgo em suas terras, provendo seu sustento de forma digna. A iniciativa para a sua viabilização partiu do convite para visitar a localidade, feito por uma proprietária local, que manifestava preocupação relacionada ao êxodo rural na região. O trabalho apresenta um delineamento da realidade sócio-econômica da localidade de Boiteuxburgo, pertencente ao município de Major Gercino-SC, distante 180 km de Florianópolis. A partir de um estudo de caso composto por diagnóstico, entrevistas e participação em eventos locais; foram desenvolvidas análises dos dados levantados e constatou-se a existência de uma forte diminuição da população, gerada pelo êxodo decorrente da falta de integração, mobilização e cooperação locais, agravados pelos baixos índices de escolaridade e falta de oportunidades locais. Percebeu-se também que a população, ou é jovem e com pouco estudo, ou idosa, e a maioria das famílias trabalha com a agricultura de subsistência e em propriedades cedidas. Apresentam-se sugestões de ações para fomentar o desenvolvimento local, como: associações de produtores rurais, cooperativas, assistência técnica obtida junto a órgãos públicos competentes, parcerias, programas de incentivo à reintegração do jovem ao campo, formação de lideranças rurais, instalação de casa familiar rural, em regime de alternância. Desta forma, este trabalho contribuiu para a identificação de necessidades da localidade, a serem atendidas para a real efetivação de um crescimento sustentável dos moradores e seus familiares, definindo ações estratégicas que, se implementadas, alavancariam o desenvolvimento local.

Palavras-chave: Êxodo rural; desenvolvimento local; ações estratégicas.

ABSTRACT

KLUWE, Razieri Berti. **Analysis and Actions of the Development of Boiteuxburgo.** 2005. 132f. Dissertation. (Master's) degree in Engineering of Production - Program of Postgraduate in Engineering of Production, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

This work considers action to generate mechanisms that keep the inhabitants of the locality of Boiteuxburgo in its lands, providing its sustenance with worthy form. The initiative for its viability left of the invitation to visit the locality, made for a local proprietor, who revealed concern related to the agricultural exodus in the region. The work presents a delineation of the partner-economic reality of the locality of Boiteuxburgo, pertaining to the city of Major Gercino-SC, distant 180 km of Florianópolis. From a study of composed case for diagnosis, interviews and participation in local events; analyses of the raised data had been developed and evidenced its existence of one strong reduction of the population, generated for the decurrently exodus of the lack of integration, local mobilization and cooperation, aggravated for the low indices of educational and lack of local chances. The population also perceived itself that or is young e with little study, or aged being that the majority of the families work with agriculture of subsistence and in yielded properties. Action suggestions are presented to foment the development local, as: associations of agricultural, cooperative producers, assistance gotten technique together the competent public agencies, partnerships, programs of incentive the reintegration of the young to the field, formation of agricultural leaderships, installation of agricultural familiar house, in regimen of alternation. Of this form, this work contributed for the identification of necessities of the locality, to be taken care of for the real effectuation of a sustainable growth of the inhabitants and its familiar ones, defining strategically actions that, if implemented, would giving initiate the local development.

Word-key: Agricultural exodus; local development; action strategic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Características dos treinamentos formais e informais.....	32
Figura 2: Nível de escolaridade dos chefes de família de Boiteuxburgo	52
Figura 3: Nível de escolaridade dos dependentes de Boiteuxburgo	53
Figura 4: Faixa etária dos chefes de família de Boiteuxburgo	56
Figura 5: Faixa etária dos familiares de Boiteuxburgo	58
Figura 6: Qualificação das áreas trabalhadas/moradores de Boiteuxburgo.....	59
Figura 7: Área trabalhada por família	60
Figura 8: Origem da renda.....	62
Figura 9: Faixa salarial.....	62
Figura 10: Principais problemas identificados em Boiteuxburgo.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sociedade Cooperativa, Associação e Sociedade Mercantil.....	41
Quadro 2: Êxodo rural em Boiteuxburgo	57
Quadro 3: Principais problemas identificados em Boiteuxburgo.....	71
Quadro 4: Síntese das análises realizadas e ações propostas	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Objetivos da Dissertação.....	15
1.1.1 Objetivo Geral	15
1.1.2 Objetivos Específicos	15
1.2 Relevância da Dissertação	16
1.3 Metodologia da Dissertação.....	17
1.4 Estrutura da Dissertação	18
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	19
2.1 Introdução.....	19
2.2 Contexto Histórico	19
2.2.1 O Êxodo Rural.....	19
2.2.2 O Êxodo rural em Santa Catarina	21
2.3 Desenvolvimento e Seus Fatores	22
2.3.1 Desenvolvimento.....	22
2.3.2 Recursos Financeiros.....	26
2.3.3 Fatores de Produção Agropecuária.....	27
2.3.4 Tecnologia.....	28
2.3.5 Capacitação e Orientação Técnica	31
2.3.6 Mercado Consumidor	34
2.3.7 Motivação	37
2.3.8 Formas de trabalho conjunto.....	40
2.4 Conclusões do Capítulo	44
3 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	46
3.1 Introdução.....	46
3.2 A abordagem Qualitativa e Quantitativa.....	46
3.3 Estruturação da Pesquisa em Boiteuxburgo	48

4 ESTUDO DE CASO E RESULTADOS	49
4.1 A Localidade de Boiteuxburgo: sede da pesquisa.....	49
4.2 Situação atual de Boiteuxburgo: Realidade e sugestões	51
4.2.1 Escolaridade (APÊNDICES D e E).....	52
4.2.2 Faixa etária.....	55
4.2.3 Faixa etária dos familiares.....	57
4.2.4 Qualificação da propriedade (APÊNDICE F).....	58
4.2.5 Área por família	59
4.2.6 Origem da Renda dos Moradores (APÊNDICES G, H; ANEXO B)	61
4.3 Produtividade: Fatores que afetam e sugestões	63
4.4 Informações Adicionais Detectadas	65
4.5 Análise	65
4.5.1 Resumo dos problemas identificados.....	70
4.5.2 Propostas de ação	71
4.5.2.1 <i>Implantação da Casa Familiar Rural – pedagogia da alternância</i>	<i>72</i>
4.5.2.2 <i>Incentivo ao Cooperativismo</i>	<i>72</i>
4.5.2.3 <i>Aproximação de Órgãos Públicos, Privados e ONGs, Assistência de Agentes Comunitários, Regularização das Propriedades</i>	<i>72</i>
4.5.2.4 <i>EJA – Educação de Jovens e Adultos.....</i>	<i>73</i>
4.5.2.5 <i>Convênio para possibilitar estudo dos jovens em Colégios Agrícolas.....</i>	<i>73</i>
4.5.2.6 <i>Desenvolver programas de melhoria da qualidade de vida e qualidade ambiental, programas de formação de lideranças rurais.....</i>	<i>73</i>
4.5.2.7 <i>Envolvimento de toda a comunidade nas ações</i>	<i>74</i>
4.5.2.8 <i>Buscar Aporte de Recursos Financeiros para novas Atividades, Programa Troca-troca de Sementes e Produtos.....</i>	<i>74</i>
4.5.2.9 <i>Desenvolver o Turismo Rural ou Ecológico.....</i>	<i>74</i>
4.5.2.10 <i>Implantar a Agroindústria de laticínios e/ou demais atividades afins</i>	<i>74</i>
4.5.2.11 <i>Promover a Mudança da cultura para uma ação participativa pró-ativa.....</i>	<i>75</i>
4.5.2.12 <i>Melhoria do processo de gestão controle financeiro</i>	<i>75</i>
4.5.2.13 <i>Comercialização de produtos e Organizar cadeias produtivas sintonizadas no mercado local e externo</i>	<i>75</i>
4.6 Conclusões do Capítulo	76

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	78
5.1 Conclusões	78
5.2 Sugestões para Trabalhos Futuros	81
REFERÊNCIAS	83
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	87
APENDICES	93
APENDICE A - Diagnóstico	93
APÊNDICE B - Cadastro.....	98
APÊNDICE C - Questionário aplicado.....	99
APÊNDICE D - Listagem dos chefes de família de Boiteuxburgo.....	100
APÊNDICE E – Listagem dos familiares	103
APÊNDICE F - Definição da área de cada família	107
APÊNDICE G – Fonte de renda.....	109
APÊNDICE H – Produção agropecuária	111
ANEXOS	112
ANEXO A – Casa familiar rural.....	113
ANEXO B - Rendimento médio mensal de todos os trabalhos da população ocupada, em reais	117

1 INTRODUÇÃO

Dando início a esta dissertação, apresenta-se as questões que levaram a escolher o tema, mostrando sua importância e relevância, os objetivos, as contribuições que pretendemos alcançar assim como sua metodologia e estrutura.

Segundo Moreira (1998), a economia globalizada, influenciou significativamente a produção e o consumo no mundo inteiro. Apesar disso, nas comunidades distantes dos centros urbanos, geralmente com características precárias, que não passam de meras configurações espaciais, descentralizadas da territorialidade global, as perspectivas produtivas e consumidoras praticamente inexistem, já que não possuem capacidade de gerar e implementar suas próprias estratégias de desenvolvimento.

Para Pires e Reis (1999), em muitos países hoje não há um local – considerando esta primeira instância de governabilidade do território - que não tenha sofrido algum tipo de efeito (positivo ou negativo) causado pela mutação crescente do sistema produtivo e da mundialização da economia. Essa transformação exacerba a concorrência entre as empresas, entre os produtos industriais e agrícolas, e entre os modos de organização e de governabilidade das sociedades nacionais e dos sistemas sociais, regionais e locais.

A não evolução e integração econômica e social de determinada região do território têm como consequência a não evolução de sistemas sociais nas cidades. Nesse contexto, têm ocorrido situações de centralização espacial do desenvolvimento nas cidades, prejudicando interesses - de médio e longo prazo – de desenvolvimento, dessas comunidades localizadas.

No Brasil, o processo de urbanização iniciou – se no período do pós-guerra, com a instalação de multinacionais por Juscelino Kubitschek em 1958, onde se deu uma repulsão das pessoas pelo campo e a atração pelas cidades, em função de fatores como uma superpopulação relativa do meio rural, a mecanização do campo e o monopólio das terras.

A população rural brasileira atingiu seu máximo, em 1970, com 41 milhões de habitantes, o que correspondia a 44% do total. Desde então, o meio rural vem sofrendo um declínio populacional relativo e absoluto, chegando em 1996 com um total de 33,8 milhões de habitantes, ou 22% do total nacional. A redução da importância da população rural deve-se, fundamentalmente, aos movimentos migratórios. Mais recentemente, a queda de fecundidade rural contribuiu também para a diminuição do ritmo de crescimento desta população.

Para Valadares (2003),

[...] a economia fundamentada na cooperação representa a recuperação do verdadeiro sentido da economia, que possibilita o estabelecimento de um novo contrato social, conciliando os imperativos econômicos e os valores humanistas necessários ao verdadeiro desenvolvimento da sociedade.

Certamente, uma das alternativas para o desenvolvimento regional é o envolvimento da sociedade nesse processo, fato que já tem levado o setor público a buscar o envolvimento da comunidade em decisões que afetarão diretamente o desenvolvimento regional.

O desenvolvimento regional depende de investimentos no avanço tecnológico, de implantação de melhorias em todo o sistema de produção rural, do incentivo à qualificação dos produtores, discutindo as cadeias de produção locais, tais como: fumo, cebola, batata, milho, mandioca, legumes, aves, bovinos de leite, de corte e suínos. Também novas possibilidades de cadeias de produção, entre elas, grãos, produtos naturais, carne/leite, turismo rural, horticultura/olericultura e fruticultura, agroindústria e plantas medicinais, são exigidas pelo mercado, com qualidade e preço.

Segundo Marco Aurélio Braga (2002), em reportagem publicada no jornal A Notícia, Santa Catarina possui o terceiro maior índice de êxodo rural do país. Na década de 70, 57,1% dos catarinenses viviam no campo; em 2000, apenas 21,3% permaneciam. Os levantamentos do IBGE (2002), de 1996 a 2000, apresentam dados ainda mais alarmantes, pois comprovam uma diminuição populacional de 13,3%, ou seja, pouco mais de 174 mil pessoas largaram o campo.

Outro fato relevante está relacionado com a faixa etária dos que permanecem no campo. Os dados do IBGE apontam para um envelhecimento do povo catarinense, fenômeno este que se mostra mais intenso na área rural. Em 1960, 4,1% dos catarinenses tinham mais de 60 anos, sendo 4,7% na área urbana e 3,8% no campo. Em 96, esse percentual aumentou para 8,1% na zona rural e 7,5% da total. Isso pode ser explicado pela a retirada expressiva de uma geração de filhos de agricultores que viram na cidade uma boa alternativa para estudar e ganhar a vida.

Em 2002, o Colégio Agrícola de Camboriú recebeu telefonema de uma jovem moradora da localidade de Boiteuxburgo, que apresentou o problema solicitando apoio e atenção.

Os resultados da pesquisa sócio-econômica desenvolvida por Rangel (2000), revelam que a localidade perdeu, em menos de dez anos, metade de seus moradores, identificando uma situação de dificuldade, refletida pela diminuição da importância produtiva do pequeno produtor, pela diminuição dos postos de trabalho, pela baixa qualificação dos agricultores e, principalmente, pela falta de rentabilidade das pessoas daquela localidade.

Nessa perspectiva, desenvolver um estudo do meio rural buscando apresentar alternativas de alavancagem de seu desenvolvimento, mostra-se um trabalho relevante, na situação citada e para a realidade sócio – econômica de um País que enfrenta a necessidade de crescimento econômico, a marginalização cada vez maior, a pobreza, a fome, o analfabetismo, dentre outras dificuldades.

A complexidade do problema em questão se dá em função da necessidade de envolvimento, tanto governamental quanto das comunidades locais, como parte da sua solução.

Assim, tem-se que enfrentar a questão colocada para evitar, ainda, que ela acabe se tornando problema social em cidades próximas, pelo fato das pessoas tentarem partir para uma vida melhor, sem nenhuma habilidade, a não ser trabalhar no campo.

Neste sentido, coloca-se como problema de pesquisa a identificação da situação destas comunidades e de seu contexto, visando à proposição de ações que, se implementadas, sejam capazes de promover o desenvolvimento de localidades como Boiteuxburgo.

1.1 OBJETIVOS DA DISSERTAÇÃO

1.1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral desta dissertação, considerando o problema de pesquisa apresentado, é:

Conhecer a realidade sócio-econômica da localidade de Boiteuxburgo, propondo ações que propiciem o desenvolvimento.

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever a localidade de Boiteuxburgo do ponto de vista sócio – econômico;
- b) Detectar e verificar quais os fatores que afetam, o desenvolvimento da localidade;
- c) Propor ações que fomentem o desenvolvimento local.

1.2 RELEVÂNCIA DA DISSERTAÇÃO

No cenário de transformação da sociedade, a necessidade de modernização e especialização da agricultura é cada vez mais relevante, já que todo o ambiente do setor passa por modificações. A agricultura num contexto de intensas mudanças econômicas e sociais tem de ser vista como um sistema, que envolve os produtores de insumos, as agroindústrias, a distribuição e a comercialização. Para Rosa (2001) essa visão ajusta-se ao conceito de agribusiness, criado em 1957, por Ray Goldberg e John Davis.

O agribusiness gera em torno de 40% do PIB brasileiro e contribui também com cerca de 40% das exportações nacionais (ABAG, 1993). Essa importância relativa verifica-se também a nível mundial, principalmente nos países desenvolvidos. Considerando-se apenas os sistemas agroindustriais alimentares, os dados igualmente impressionam. Segundo Zylbersztajn (1994), a indústria agroalimentar é um dos maiores negócios do mundo, com muitas empresas que faturam mais de US\$ 10 bilhões ao ano.

No Brasil, somente os agentes industriais do sistema agroindustrial alimentar (SAI) representavam, em 1985, 20,8% dos estabelecimentos industriais do país, empregando aproximadamente 13,3% do total do pessoal ocupado. Em 1995, as indústrias agroalimentares compunham um parque industrial com cerca de 38 mil estabelecimentos, ocupando o primeiro lugar em número de fábricas e gerando 16,4% do total de empregos diretos, na indústria de transformação (SCRAMIM; BATALHA, 1998).

É nesse cenário de fortes ameaças que está inserida a pequena localidade de Boiteuxburgo, e é importante a viabilização de ações claras e eficazes para o convívio neste cenário, bem como para tornar a localidade mais competitiva e produtiva, por meio de uma economia local sustentável, capaz de reestruturar o lugar, e torná-lo atrativo, gerando, ao menos, a permanência dos que lá se encontram, com dignidade.

As perspectivas de contribuição, com a realização desta dissertação, se situam nas esferas científica e prática.

As de ordem científica estão relacionadas ao referencial teórico utilizado, como base no instrumento de análise da localidade e na apresentação de ações, obtidas da combinação da análise de uma série de informações locais, que visam a aumentar a competitividade. Já as contribuições de ordem prática, estão relacionadas às visitas ao local, que permitiram analisar a configuração estrutural e de conduta do povoado, possibilitando a participação em reuniões e o envolvimento comunitário, o que gerou sugestões de ações que poderiam ser implementadas em Boiteuxburgo, cujo relato aparece no capítulo 4 desta dissertação.

1.3 METODOLOGIA DA DISSERTAÇÃO

O desenvolvimento desta dissertação iniciou-se com um estudo bibliográfico, objetivando obter informações mais abrangentes para o desenvolvimento local. Nesse contexto, o referencial teórico consiste na busca de conceitos sobre: êxodo rural, êxodo rural em Santa Catarina, desenvolvimento, recursos financeiros, fatores de produção agropecuária, tecnologia, capacitação e orientação técnica, mercado consumidor, motivação e associativismo dentro do enfoque desenvolvimento local.

Para o desenvolvimento da presente dissertação, foi utilizado um estudo de caso, uma vez que se trata de um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade. Foram empregadas várias fontes de evidência, objetivando descrever uma situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação - o propósito desta pesquisa - servindo também, para confrontar a teoria com a prática. Foram aplicados, entre os agricultores locais, questionários semi-estruturados (APÊNDICE A e B). Também foram pesquisados dados secundários, tendo como fonte o IBGE.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação é composta de 5 capítulos: no primeiro capítulo faz-se uma introdução do contexto desenvolvido, onde constam, além da justificativa, a problematização, os objetivos, a relevância, contribuições da pesquisa a metodologia utilizada e a estrutura da mesma; o segundo capítulo abrange a revisão de literatura, onde se buscou o embasamento teórico para fundamentar a prática proposta dentro de uma perspectiva histórica e de um conhecimento sobre desenvolvimento; no capítulo seguinte, o terceiro, apresenta-se a metodologia adotada e aplicada, a localização espacial e sócio-cultural da comunidade estudada, bem como as categorias de análise definidas para estudo; no quarto capítulo, tecem-se as análises e comentários, procurando atingir os objetivos definidos; no quinto e último capítulo apresentam-se as conclusões e considerações finais, culminando com o fechamento da presente dissertação.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 INTRODUÇÃO

Nos dados do IBGE (2002), o êxodo rural está diretamente relacionado a três situações: há uma certa distorção no que tange a algumas previsões pré – estabelecidas relacionadas a países desenvolvidos; um ritmo diferente de movimento migratório diminui as taxas do sul e sudeste, e o envelhecimento e masculinização da população do campo, sendo que o desenvolvimento é certamente o caminho para uma solução.

Com a análise de diversos trabalhos referentes ao assunto, identificaram-se diversos posicionamentos sobre êxodo rural e desenvolvimento, cujos conceitos são apresentados neste capítulo.

A importância dos fatores é apresentada nesta fundamentação teórica dentro das perspectivas identificadas para a região em estudo: a necessidade evidente de recursos financeiros, os fatores de produção agropecuária, a tecnologia, a capacitação e orientação técnica, o mercado consumidor, a motivação e as formas de trabalho conjunto são discutidos como instrumentos de desenvolvimento, além de proporcionar uma visão sobre a possibilidade do desenvolvimento local de Boiteuxburgo.

2.2 CONTEXTO HISTÓRICO

2.2.1 O Êxodo Rural

Os estudos na área realizados pelo IBGE entre 1960 e 1980, mostram que, nesse período, o êxodo rural brasileiro alcançou um total de 27 milhões de pessoas. Esse fenômeno ocorre em poucos países, seja considerando a proporção ou a quantidade absoluta da população rural atingida.

Mesmo a publicação do Censo Demográfico de 1991 não esclareceu quais os fatos que geraram tal transformação, ou o que realmente levou o homem do campo para os centros urbanos na década de 80. Um outro fator importante é que os resultados do Censo de 1991, que permitiram estimar os saldos migratórios, só foram disseminados em 1996, primeiramente, por meio de CD-ROM, o que proporcionava uma forma de acesso apenas a uma minoria de pesquisadores.

A ênfase dada a temas como a mortalidade por violência nas grandes cidades, o desemprego urbano, o envelhecimento populacional etc..., deixou o estudo do êxodo rural um pouco superficial. Toma – se como verdade que esse esvaziamento social, demográfico e econômico do meio rural não passaria do resultado do processo de desenvolvimento, ou mesmo que já teria perdido sua importância quantitativa.

No entanto, o IBGE revela que desde a década de 50, a cada intervalo de 10 anos, uma em cada três pessoas, migra do meio rural para os centros urbanos. Observadas as taxas de evasão do meio rural entre 1990 e 1995 e a persistirem esses índices pelo restante da década, quase 30% dos brasileiros que então viviam no meio rural em 1990 terá mudado, fixando residência em centros urbanos neste início de novo milênio.

Contudo, estudos do IBGE (2002) apontam um certo paradoxo nessas previsões, sobretudo quando se faz uma analogia com os países desenvolvidos, onde cerca de $\frac{1}{4}$ da população vive no meio rural, sendo que nem todos atuam em atividades agrícolas. Um exemplo real é o dos Estados Unidos, onde a população rural vive uma fase de crescimento e o poder econômico dessas áreas rurais, junto com as cidades que as circundam, vem suscitando interesse cada vez maior, em função de descoberta de novas possibilidades.

Um segundo fator interessante na situação demográfica do meio rural brasileiro é a diferenciação regional quanto aos ritmos dos movimentos migratórios ao longo do tempo, onde há um declínio nessas taxas nas regiões Sudeste e Sul nos anos 90.

Uma terceira realidade nos movimentos migratórios rurais é o *envelhecimento e a masculinização* da população do campo. Quem mais vem deixando o meio rural são os jovens, e entre eles é preponderante a participação das mulheres.

2.2.2 O Êxodo rural em Santa Catarina

Os estudos do IBGE (2002), sobre o êxodo rural em Santa Catarina, na década de 70, demonstram que naquela época a população do campo representava 57,1% do total de moradores do Estado. Nesse período, com o processo de urbanização, o quadro se inverteu, tanto que, no início dos anos 80, esses indivíduos já representavam apenas 40,6%. No ano 2000, 21,3% dos catarinenses permaneciam no campo.

O mesmo instituto apresentou no último censo, em 2000, um estudo comparativo entre os números da população rural nos levantamentos de 1996 e 2000, os quais demonstraram que Santa Catarina possui o terceiro maior índice de êxodo rural do Brasil e o primeiro na Região Sul, com uma diminuição populacional de 13,3% no período, ou seja, pouco mais de 174 mil pessoas deixaram a vida no campo.

Essa situação se refletiu também nos resultados da Região Sul, que teve a maior perda relativa no meio rural no Brasil, com 10,8%, ou seja, uma redução absoluta de 577.454 pessoas entre 1996 e 2000. Na região sul, o homem do campo representava 22,8% da população total da região; agora representa apenas 19%, apresentando uma queda de 3,8%.

Uma das causas desse êxodo deve-se ao processo de industrialização, com a criação de novos empregos no meio urbano. A ideia de que a qualidade de vida na cidade é melhor, assim como a redução da rentabilidade das atividades agropecuárias também teve efeito devastador para a debandada dos meios rurais.

Para Freyesleben (apud BRAGA, 2002), os dados do IBGE deixam claro que Santa Catarina enfrenta um problema conhecido como litoralização, ou seja, a

diminuição do contingente no Oeste do Estado é relativamente proporcional ao aumento dos moradores nas regiões litorâneas, aliada à migração de famílias de outras regiões do País. "É um processo novo que está desbalanceando o equilíbrio populacional de Santa Catarina. Antes, as regiões do Estado eram bem divididas", explica.

Outro fato que contribui para as causas do êxodo é o envelhecimento do catarinense, principalmente do homem do campo. Em 1960, 4,1% dos catarinenses tinham mais de 60 anos, sendo que, destes, 4,7% residiam na área urbana e 3,8% no campo. Em 1996, esse percentual aumentou para 8,1% na zona rural e 7,5% da total. Isso pode explicar a retirada em massa de uma geração de filhos de agricultores que viram na cidade uma boa alternativa para estudar e ganhar a vida.

2.3 DESENVOLVIMENTO E SEUS FATORES

2.3.1 Desenvolvimento

É certo que nas últimas décadas, as ciências sociais e naturais, bem como, o meio produtivo, têm produzido uma grande evolução nos referenciais teóricos, gerada pelas grandes transformações informacionais do mundo globalizado.

O Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986), conceitua o termo desenvolvimento como sinônimo de progresso; adiantamento; crescimento; estágio econômico, social e político de uma comunidade, caracterizado por altos índices de rendimento dos fatores de produção. Estes últimos, segundo alguns críticos, forma-se pelo binômio do crescimento econômico (medido através do PIB – Produto Interno Bruto + PNB – Produto Nacional Bruto) aliado a modernização tecnológica, estimulados reciprocamente.

Para Troster (1999), não obstante as causas do crescimento econômico e suas características assumirem peculiaridades diferentes em cada país e momento

histórico determinado, geralmente, os seguintes fatores podem ser considerados como determinantes básicos do crescimento:

- a) A disponibilidade de recursos produtivos;
- b) A produtividade;

Quanto ao item (a), Rangel (2000, p. 26), assegura que:

Na literatura clássica sobre o crescimento econômico, a terra era colocada como um fator limitativo. Nos modelos mais modernos de crescimento econômico, esse papel é desempenhado pelos fatores não renováveis, tal como petróleo, levando – se em conta sua importância vital e seu caráter escasso, e não passível de ser renovado.

Já, no que tange à produtividade, a autora apresenta as causas que explicam o seu crescimento e, em consequência, o da economia que são diversas, cabendo destacar as seguintes:

- a) O processo tecnológico, que é somente um aspecto do aumento da produtividade;
- b) O investimento em nova tecnologia, que promove o aumento da economia;
- c) O aproveitamento de economias de escala;
- d) A melhora na educação e na especialização do fator trabalho, que pode, dessa forma, ser empregado em processos técnicos mais complexos.

Um melhor entendimento dessa colocação se traduz na afirmação de Maximiliano (2000), cuja definição de tecnologia a coloca como uma forma específica, segundo a qual os recursos são combinados, tendo em vista alguma utilidade prática e identificados para uma organização, tais como conhecimento, pessoas, máquinas e equipamentos, espaço, tempo...

Segundo Calcagno (1990), desenvolvimento são processos de crescimento e de troca relacionados sistematicamente entre si e que expressam uma aspiração por uma sociedade melhor. Assim, se incorporam elementos de poder político e econômico, sociais, tecnológicos, setoriais e regionais, que configuram o tipo de sociedade a qual se quer chegar. O tipo de sociedade à qual se aspira não é um conceito global, mas sim um conceito que se vincula às características regionais em todas as suas dimensões.

Corroborando as afirmações de Calcagno (1990), Rojas (1995) frisa que não se deve esquecer o mecanismo global do desenvolvimento e suas conseqüentes relações entre regiões. Não se pode pretender desenvolver uma região totalmente isolada; deve-se considerar todas as possíveis interações, de qualquer tipo, com outras regiões, vizinhas ou não.

Desse modo, Cavaco (1996), empregou a expressão “desenvolvimento local” para expressar o processo em que as localidades, munidas de seus recursos mais variados, criam oportunidades de promoção do bem – estar coletivo, implementando atividades que de alguma forma dinamizem a economia em pequena escala, gerando o “*desenvolvimento*” do lugar mediante estratégias de baixo impacto socioambiental.

No entanto, para Masutti (1998) o desenvolvimento local, está praticamente intocado no que tange às políticas públicas e análises acadêmicas, dependendo da formação de um processo empreendedor e inovador, fortemente articulado ao território, onde um dos fatores condicionantes é a origem do investimento, o que constitui o novo paradigma do desenvolvimento econômico.

Vázquez (apud ROJAS, 1995), afirma que o êxito de qualquer estratégia de desenvolvimento local está condicionada pela disponibilidade de recursos (humanos, empresariais e financeiros), mas depende, em grande parte, da capacidade de criar condições que facilitam o surgimento de novas empresas.

Outro pensamento na mesma linha é o de Rodrigues (2002), que afirmou que o vocábulo *desenvolvimento* não pode ser empregado como sinônimo de

crescimento, nem tão pouco regular a distribuição de riqueza e lembra ainda que a “economia não é tudo sem eficácia social”, pois o crescimento do PIB não pode ser tomado como único referencial para definir o “desenvolvimento”.

Durante as duas últimas décadas, segundo Garofoli (1993), tem-se observado o progressivo surgimento de novos modelos de desenvolvimento que incorporam o nível local, que tradicionalmente se situava à margem das estruturas teóricas. As regiões têm agora a possibilidade de promover seu desenvolvimento, aproveitando suas características próprias, que determinam, na grande maioria, a capacidade para criar novas formas de atividade econômica e fortalecer as existentes.

Está comprovado empiricamente que o crescimento econômico vem acompanhando o crescimento urbano. Existe uma relação direta entre o crescimento da renda, do investimento, do emprego e o crescimento e a expansão do sistema de cidades de um país. Entretanto, continua sendo objeto de discussão o tipo e a forma das relações que se estabelecem entre as cidades durante o processo de crescimento e mudança estrutural (GAROFOLI, 1993).

Segundo Garofoli e Camagni, (apud MASUTTI, 1998), a teoria do "milieu innovateur" sobre o papel do território no desenvolvimento, valoriza positivamente os impulsos que proporcionam os fatores locais e reconhecem que a troca tecnológica é uma variável não substitutiva no processo de reestruturação produtiva. Essa interpretação difere em importância, em função da história produtiva de cada localidade e na forma de perceber a mudança tecnológica no território.

Partindo da hipótese de que todas as comunidades territoriais dispõem de um conjunto de recursos (humanos, econômicos, institucionais e culturais), que constituem seu potencial de desenvolvimento endógeno, a nível local se detecta, por exemplo, a dotação de uma determinada estrutura produtiva, mercado de trabalho, capacidade empresarial, recursos naturais, estrutura social e política, tradição e cultura, sobre a qual se pode articular o crescimento econômico e a melhora do nível de vida da população (MASUTTI, 1998).

2.3.2 Recursos Financeiros

No que tange ao termo renda, identificam-se dois conceitos distintos: renda per capita, onde se divide aritmeticamente o produto interno bruto pelo total de habitantes e que no Brasil está na casa dos 3.400 dólares. O outro conceito é o rendimento mensal das pessoas, muito utilizado para mensurar o potencial de compra da sociedade. Importante ressaltar que na tomada de decisão das empresas, em relação a investimentos são considerados os dois indicadores.

A renda também é um importante indicador do quadro social de um país. Quando ela aumenta, melhoram índices como: educação, qualidade do saneamento básico, mortalidade infantil, incidência de certas doenças e até mesmo o crescimento da região. Outra característica do indicador renda é que ele sempre traduz para o homem comum aqueles números complicados monitorados pelos técnicos. No artigo "A renda engessa tudo", Nóbrega (apud WEINBERG, 2002) afirma que: "Basta olhar para o item renda e se saberá se a economia de um país vai bem ou vai mal" .

Pode-se citar como exemplo dessa afirmação, os dois primeiros anos do Plano Real, 1994 e 1995, quando a renda dos brasileiros cresceu mais de 8%, num cenário econômico estável. A partir de 1997, a renda entrou em declínio, e a economia acompanhou essa queda, mostrando instabilidade. A renda também pode ser um importante indicador do processo de recuperação econômica, pois sem salário, termos como estabilidade e responsabilidade fiscal inexistem, ou seja, sem renda, o Brasil não avança.

Dados do IBGE (2002) demonstram que, em relação ao rendimento médio dos ocupados, houve aumento de R\$402,50 para R\$521,10, de 1992 para 1999, com grandes variações tanto regionais quanto de distribuição de renda. No Sudeste, o valor médio foi de R\$631,20 enquanto no Nordeste, de R\$314,70. Os estudos também mostram concentração de renda, já que as diferenças são acentuadas entre os 10% mais ricos, que têm um crescimento substancial nos rendimentos, passando de 13,30 salários mínimos para 18,40 na década, enquanto os 40% mais pobres passaram da fração de 0,70 para 0,98 do salário mínimo.

2.3.3 Fatores de Produção Agropecuária

Prado (1998), apresenta um quadro que explica de forma bastante clara os fatores da produção, dividindo-os em Fundiários e de Exploração, a partir dos quais se pode identificar o que é e o que podem gerar como produção.

O fator fundiário subdivide-se entre terra nua e melhoramentos fundiários. A terra nua apresenta-se como a parte da propriedade que pode ser destinada à produção agropecuária, seja ela de natureza sustentável ou não. Já os melhoramentos fundiários são as construções, estradas, cercas, silos, sistemas de drenagem, sistemas de irrigação e açudes, reflorestamentos, conservação do solo, eletrificação, etc., ou seja, o fator fundiário está relacionado à terra e o que se pode fazer nela para desenvolver uma atividade produtiva.

Os fatores de Exploração estão subdivididos em Fixo - quando se quer apresentar fatores de influência com tempo de vida maior – e Circulante - quando são apresentados fatores com pouco tempo de vida. Desse modo, os fatores de exploração fixos são: animais, de tração ou reprodução; máquinas, que seriam motores, tratores ou colheitadeiras; implementos, tais como arado, grade, semeadeira, adubadeira, pulverizador, ordenhadeira, ensiladeira, etc... e por fim utilitários, que seriam os veículos de apoio à produção.

Os fatores de exploração designados de circulante são: os insumos, que seriam sementes, fertilizantes defensivos, alimentos, medicamentos, animais para engorda, despesas gerais, etc; e salários, sejam eles eventuais, contratados, do administrador ou da família; e outros, que seriam combustíveis e lubrificantes.

No tocante aos fatores de produção agropecuária, há ainda que se considerar: o clima, que gera uma dependência direta com o tipo de produção; a execução da produção, que geralmente ocorre em campo aberto ocasionando uma série de diferenciações da produção industrial; a sazonalidade dos produtos agropecuários, gerando safras; o tempo real de produção, do plantio até a colheita, pois algumas culturas são anuais outras não; a questão das matrizes, quando estes fatores estão relacionados a animais.

Relativamente aos fatores de produção, há ainda outros quesitos relevantes, tais como: a informação, o conhecimento, e a percepção, os quais podem subsidiar o homem do campo, para que ele tenha maior visibilidade de sua possibilidade de produção, e em conseqüência maior lucratividade. É fato, por exemplo, que o agricultor já identifica que para que sua produção tenha um maior valor ela deve chegar ao mercado nas entressafras.

2.3.4 Tecnologia

Para Bazzo (1998), a sociedade vive, mais do que nunca, sob os auspícios e domínios da ciência e da tecnologia, e isso ocorre de modo tão intenso e marcante que é comum muitos confiarem nela como se confia numa divindade. Esse comportamento ficou de tal forma arraigado na vida contemporânea que fomos levados a pensar dessa maneira durante toda nossa permanência nos bancos escolares. A lógica primordial do comportamento humano é a lógica da eficácia tecnológica; suas razões são as razões da ciência. As notícias do dia-a-dia exacerbam as virtudes da ciência e da tecnologia; os produtos são vendidos calcados nas suas qualidades embasadas em depoimentos 'científicos'. É uma relação tão profunda a que se estabelece entre a sociedade e as máquinas que se traduz em incoerência e grave omissão os educandários não procurarem ter uma atuação mais presente nas análises de seus resultados.

A propaganda que se faz da ciência e da tecnologia, provavelmente com vistas a melhores resultados das questões de ordem econômica, é tão intensa que uma parcela significativa das pessoas acredita que elas, em quaisquer circunstâncias, podem sempre ser tidas como amigas leais, que arrastam consigo apenas benesses para a sociedade. Postman (1994, p. 12) coloca, em relação à tecnologia, duas razões para esse julgamento:

Primeiro, a tecnologia é uma amiga. Torna a vida mais fácil, mais limpa e mais longa. Pode alguém pedir mais de um amigo? Segundo, por causa de seu relacionamento longo, íntimo e inevitável com a cultura, a tecnologia não convida a um exame rigoroso de suas próprias conseqüências. É o tipo de amigo que pede confiança e obediência, que a maioria das pessoas está inclinada a dar porque suas dádivas são verdadeiramente generosas. Mas é claro, há o lado nebuloso desse amigo. Suas dádivas têm um

pesado custo. Exposto nos termos mais dramáticos pode-se fazer a acusação de que o crescimento descontrolado da tecnologia destrói as fontes vitais de nossa humanidade. Cria uma cultura sem uma base moral. Mina certos processos mentais e relações sociais que tornam a vida humana digna de ser vivida. Em suma, a tecnologia tanto é amiga como inimiga [...].

Para Figueiredo (2004), em seu artigo *Tecnologia e Gestão Empresarial*, a interação entre tecnologia e organizações se confunde com a própria história do homem. Desde a Pré-História (períodos Paleolítico, Neolítico e Idade do Bronze), o homem criava, desenvolvia e inovava instrumentos primitivos à base de madeira, ossos, pedras e couro, para realizar suas atividades de caça, pesca e construção de abrigos destinados à sobrevivência das organizações tribais. Tal relação assume uma notável amplitude ao longo da história e possibilita a implementação de estudos em diferentes estágios do desenvolvimento das relações sociais, políticas e econômicas.

Assim, pode-se estudar a relação tecnologia – organizações, desde o período das tribos e clãs até as empresas avançadas dos dias atuais. No entanto, é certo que o conceito de tecnologia, ao longo da história, foi sendo alterado; do contrário, seria irrefutável a idéia de que estudar as organizações primitivas, que empregavam a tecnologia do arco e flecha e do arado com rodas, seria o mesmo que estudar as avançadas empresas contemporâneas. O que ocorre na verdade é um processo interativo, em que as modificações tecnológicas fomentam mudanças nas relações econômicas (preços, mercados, salários, emprego), políticas (soberania nacional, diplomacia), sociais (saúde, educação, emprego) e empresariais (produtividade, rentabilidade, estrutura, sistemas técnicos, gerência).

A definição de tecnologia é bastante ampla e, certas vezes, traz confusão sobre sua utilização.

"É o conjunto ordenado de todos os conhecimentos usados na produção, distribuição e uso de bens de capital e de serviços." (Manual Frascati - OCDE 1993)

Concluindo Maximiliano (2004) a definição de tecnologia é um conjunto complexo de *conhecimento, recursos e saber-fazer*, organizado para a produção de bens e serviços, entretanto, há que se perceber que, o conhecimento, os recursos,

os equipamentos e o saber fazer, usar; por si só não bastam, pois nas mãos de operadores ignorantes, as máquinas são inúteis.

O Dicionário Michaelis (1998), conceitua tecnologia como "[...] aplicação dos conhecimentos científicos à produção em geral".

Para Salomon (1984), tecnologia é o conhecimento racional - técnico ou científico – para satisfazer necessidades, desejos ou fantasias, por meio da criação, distribuição e produção de bens e serviços. Os objetos que a tecnologia cria ou sobre os quais ela atua, não são apenas bens físicos, mas também intangíveis, tais como: programas de computadores, desenhos, métodos de gerência e tomadas de decisão.

Nesse contexto, merece destaque a definição de Sabato (1972), que apresenta tecnologia como um conjunto ordenado, organizado e articulado de conhecimentos empregados na produção e comercialização de bens e serviços. Esse conjunto é constituído não só por conhecimentos científicos, provenientes das diversas ciências, mas também por conhecimentos empíricos resultantes de observações, experiências e atitudes específicas da tradição oral ou escrita.

Na América Latina, a partir da década de 50, estudos pioneiros de Jorge Sabato e outros pesquisadores ampliaram a compreensão das relações entre tecnologia, crescimento econômico e relações internacionais. Esse grupo formalizou um pensamento original sobre o desenvolvimento tecnológico local. Aplicado inicialmente à realidade argentina, proliferou em seguida para os demais países latino-americanos. Esse enfoque sistêmico se refletiu na tentativa de abarcar um conjunto de fatores em jogo: marco institucional e político, formação de recursos humanos, relação entre a comunidade científica e setor produtivo, políticas fiscal e monetária. Enfim, um conjunto de comportamentos e decisões que influem no processo de copiar, adaptar e inovar a tecnologia (SABATO; BOTANA, 1975).

2.3.5 Capacitação e Orientação Técnica

De acordo com Fardin (2001), hoje, a abordagem de capacitação e treinamento encontra-se distanciada do treinar apenas para o fazer. O treinamento atual deve atender a outra demanda, qual seja, levar o trabalhador a refletir, saber, saber fazer e aprender a aprender, uma vez que essas condições lhe permitem uma maior participação, por fornecer um meio de ampliar sua visão, reconstruir seus quadros mentais e sua história.

Para Saviani (1998, p.165),

[...] o trabalho foi, é e continuará sendo o princípio educativo do sistema de ensino em seu conjunto. Determinou o surgimento do sistema de ensino sobre a base da escola primária, o seu desenvolvimento e diversificação e tende a determinar, no contexto das tecnologias avançadas, a sua unificação.

Logo educação é, basicamente, uma contínua reconstrução da experiência pessoal, que é caracterizada pela observação e prática do dia-a-dia de nossa vida.

[...] de um lado está a necessidade de especializar o funcionário, montando seu perfil em função de moldes de conduta previstos pelo empregador, o que de certa forma corresponde a um processo de instrumentalização do homem. Por outro lado, o dever de não aprisionar a criatura humana a regras e padrões predeterminados, não só por problemas de consciência moral, como pelas conseqüências desastrosas que podem advir, para a própria empresa, da produção deste robô, morto em termos de criatividade e imaginação, e incapaz de propor novos processos, ou de transpor fronteiras tradicionais na busca de novas propostas. (MACIAN, op. cit., p. 16)

Para Macian (1987), portanto, não há receita para esse dilema. A questão consiste em conceder a capacitação objetivando alcançar o desempenho eficaz e, ao mesmo tempo, garantir ao indivíduo sua condição de criatura humana, capaz de atuar, conscientemente, como um agente de mudança do cenário produtivo.

Embora esteja implícito em algumas definições, considera-se importante destacar a diferença entre treinamento formal e treinamento informal (Figura 1). A não-distinção entre esses conceitos tem gerado dados superestimados sobre investimentos e retorno sobre investimentos nessa área. O treinamento formal diz respeito às iniciativas organizacionais planejadas, estruturadas, com currículo ou

temas definidos, e focadas no desenvolvimento de competências consideradas importantes para a organização.

O treinamento informal ocorre quando a aquisição de conhecimentos relacionados à tarefa é decorrente, ou configura-se em efeito secundário, da realização de outras atividades. Entretanto, o treinamento informal não é, necessariamente, não planejado ou sem foco (COLARELLI, MONTEI, 1996; FRAZIS et al., 1998). Toda e qualquer atividade ou habilidade ensinada ao corpo funcional que pode ser útil ao desenvolvimento de suas atividades é considerada como treinamento informal.

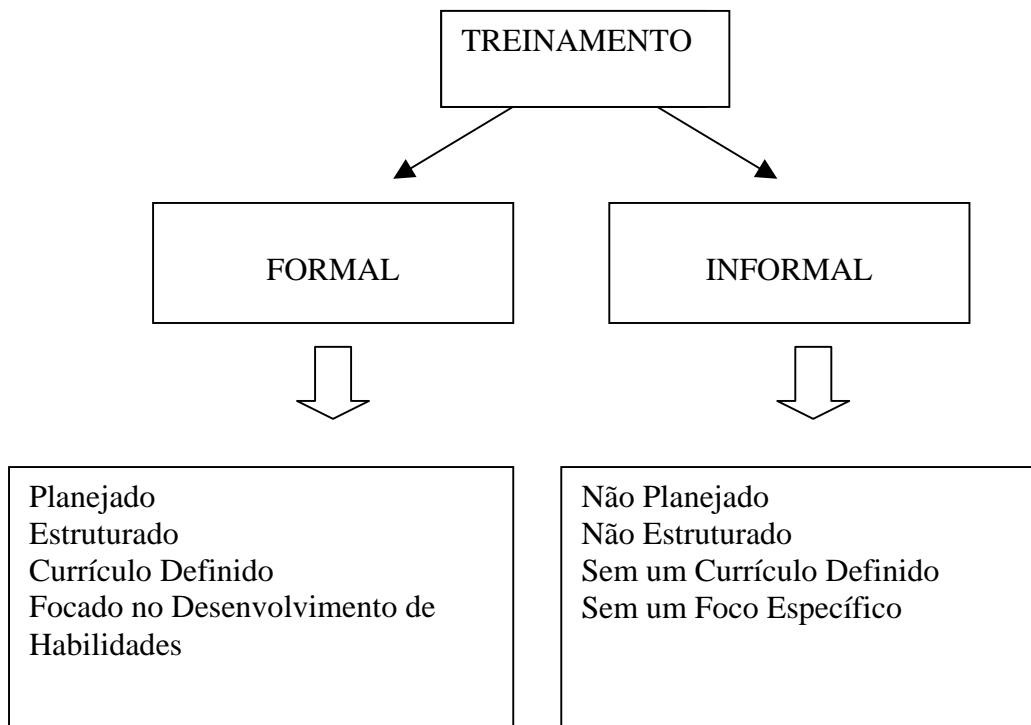


Figura 1: Características dos treinamentos formais e informais

Fonte: Baseada em Colarelli e Montei, 1996 e Frazis et al., 1998

A crescente especialização funcional, a expansão dos mercados e o aumento da produção, gerados pela Revolução Industrial, suscitaram a necessidade do desenvolvimento de novas técnicas de treinamento (STUBBEFIELD; KEANE, 1994). O conhecimento dos artefatos utilizados, na então sociedade agrária e artesanal, era inadequado às demandas da sociedade industrial em formação.

Nessa perspectiva, a Formação ou Educação continuada surge como tendência para fortalecer e desenvolver a força de trabalho, de forma ampla e contínua, em virtude da velocidade em que ocorrem as inovações. Meister (1999, p. 11), corrobora essa idéia, quando afirma:

Na antiga economia, a vida de um trabalhador era dividida em dois períodos: aquele em que ele ia para escola e o posterior à sua formatura, em que ele começava a trabalhar. Agora, espera-se que os trabalhadores construam sua base de conhecimentos ao longo da vida.

Malvezzi (1994, p. 29) acredita que esse fator "[...] reconceitua capacitação profissional como algo que vai além de aquisições de informações, mudanças de atitudes e desenvolvimento de habilidades, para incluir a reelaboração de significados e a revisão dos referenciais de ação". Um dos constantes desafios das organizações tem sido criar propostas para incrementar a intensidade dos conhecimentos, proporcionando respostas em tempo adequado, tendo em vista as descontinuidades criadas pela globalização, competição e explosão de conhecimentos. O conhecimento torna-se, dentro das organizações, um amálgama de experiências, valores e informações.

No que tange ao contexto catarinense, o que se pode constatar, analisando dados do IBGE (2002), é que o nível de escolaridade da população rural é muito baixo. Para os técnicos da EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S/A, tal fato se reflete conseqüentemente no baixo nível tecnológico e gerencial, baixa produtividade, problemas na comercialização e de organização do produtor e da produção. A pouca informação, o baixo conhecimento diante da nova conjuntura e dificuldades no gerenciamento das atividades e da produção são fatores que interferem na inserção da produção da agricultura familiar no mercado, especialmente nos mercados globalizados.

Para a EPAGRI (2004), a necessidade do forte apoio técnico ao homem do campo catarinense se caracteriza por nossos minifúndios, que geralmente dispõem de pouca superfície agricultável, muitas vezes explorada de forma inadequada, sem tecnologias que viabilizam uma produção que realmente atenda à sustentabilidade de sua família.

O patamar tecnológico, em que se desenvolve nos dias atuais a atividade agrícola, exige pessoas cada vez mais qualificadas e capacitadas. Os avanços do

setor demandam formação e especialização do homem do campo. Para viabilizar a formação profissional das famílias rurais, a EPAGRI implantou, em 1988, o Projeto de Profissionalização de Produtores e Educação da Família Rural e pesqueira de Santa Catarina, que se constitui numa ferramenta que as famílias rurais e os municípios têm à disposição para atingir os seus objetivos, ou seja: produzir com eficiência, racionalidade e qualidade, permitindo geração de bem estar, emprego e renda a essas famílias.

O projeto tem por objetivo ofertar oportunidades de educação profissional continuada, para os atores do espaço rural, buscando o desenvolvimento sustentável, e viabilizar sua permanência no mercado de trabalho.

Com esse projeto, a EPAGRI disponibiliza ao público rural, mais de 70 tipos de cursos diferentes, ministrados nos 12 Centros de Treinamento, em duas estações de Pesquisa e em uma unidade municipal, procurando atender às atividades mais demandadas pelas famílias rurais. O projeto contempla 16 subprojetos localizados nas regiões administrativas da empresa em Santa Catarina.

2.3.6 Mercado Consumidor

O mercado varejista no Brasil tem experimentado uma série de mudanças nos últimos anos. Tais mudanças vão desde a estabilização da economia, passando pelo desenvolvimento de novas tecnologias de controle e logística, à entrada de redes internacionais no mercado, e outros fatores, que por fim contribuíram para profissionalizar as empresas do setor, tornar o mercado muito mais concorrido e eficiente.

Não bastando a considerável eficiência aumentada com a implantação de novas tecnologias de operação e logística, temos ainda a chegada de grupos internacionais, que, com a estabilização da economia e a abertura do mercado grupos como Wal Mart (EUA), Sonae (Portugal) e Casino (França) identificaram no Brasil ótimas oportunidades. Esses grupos entraram no mercado brasileiro associando-se a grupos nacionais ou adquirindo redes locais. Como resultado,

pôde-se observar um aumento significativo na concentração do mercado nas mãos das cinco maiores empresas do setor.

Acompanhando as mudanças no mercado, os consumidores também estão se transformando:

- a) O aumento da participação da mulher no mercado de trabalho obrigou muitos lares a dividirem entre seus membros as responsabilidades pelas compras para a casa.
- b) O envelhecimento da população, provocado por uma maior expectativa de vida, aliada a menores taxas de fecundidade, criou uma geração de consumidores mais exigentes, que compram baseados em experiências anteriores.
- c) A revista Exame, da primeira quinzena de maio de 2005, apresenta a idéia de concorrência total, onde todos os participantes do mercado concorrem com todos.

Dados publicados pelo IBGE (2002) confirmam que essas mudanças no perfil do consumidor têm ocorrido também no mercado brasileiro:

- a) a taxa de crescimento da população declinou de 2,2% em 1980 para 1,3% em 1996;
- b) a expectativa média de vida do brasileiro elevou-se de 61,88 anos para 71 anos entre 1980 e 2002;
- c) 41,3% da população economicamente ativa do Brasil é composta por mulheres.

Não pode-se deixar de citar o surgimento, em 1991, do Código de Defesa do Consumidor. Muitas organizações passaram a visualizá-lo como mais uma preocupação, e assim reformularam suas ações com um atendimento mais próximo das necessidades e das expectativas dos clientes, que já se conscientizavam de seus direitos como consumidores.

Para Márcia Sola (2004), *Gerente de projetos do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento de Mercado (IPDM)/Sense*, o resultado desse conjunto de mudanças é uma geração de consumidores mais experientes, bem informados e razoavelmente críticos, que esperam cada vez mais dos seus locais de compra. A questão é identificar até que ponto a empresa deve ir para atender a essas expectativas e avaliar o quanto esse esforço é, de fato, favorável para a organização a longo prazo.

No esforço para satisfazer seus clientes, valor é uma palavra-chave para o varejista. Empresas que são capazes de oferecer maior valor a seus clientes têm maior chance de retê-los para as próximas compras e, conseqüentemente, terão maiores ganhos.

De uma forma bastante simples, valor pode ser definido como aquilo que se leva por aquilo que se paga. Envolve, de um lado, os benefícios que o consumidor está adquirindo através da compra de um produto ou serviço e, de outro, os custos que está sendo levado a assumir.

O valor para o cliente é a diferença entre os benefícios da compra e os custos que ele incorre para obtê-los. O prêmio (numa alusão à conquista de mercados) irá para as empresas que inventarem novas maneiras de criar, comunicar e transmitir valor a seus mercados-alvos.

Para Contini (2001), ressaltam-se 4 pontos básicos sobre o agronegócio:

- a) está nas raízes do nosso processo de desenvolvimento;
- b) contribui decisivamente para a renda, emprego, exportações, desenvolvimento do interior e equidade regional;
- c) tem grande potencialidade para sua expansão, por dispormos de terra, mão-de-obra e tecnologia;
- d) para que esta potencialidade se concretize, são necessárias políticas macroeconômicas saudáveis, melhoria da infra-estrutura física (estradas, portos) e reforma tributária, com diminuição da carga tributária sobre a produção e simplificação dos procedimentos.

Por fim, Pinto (2002) afirma que, entender a fazenda apenas como um modelo fornecedor de matéria prima, desconectada dos outros momentos de transformação, não é mais possível. É imperativo adquirir a visão sistêmica de produção e comercialização, buscar eficácia, de forma a favorecer a relação custo/benefício e permanecer competitivo. O agronegócio passa a ser encarado como um sistema de elos, abrangendo itens como pesquisa, insumos, tecnologia de produção, transporte, processamento, distribuição e preço.

Para o mesmo autor, o produtor rural, seja ele pequeno ou grande, conhecendo o seu lugar dentro da cadeia produtiva, será capaz de tomar decisões importantes para a viabilização do seu negócio, as quais estão relacionadas ao direcionamento: o que, quando, quanto e para quem produzir. Com esse modelo, o gerente é o mercado e o dono é o consumidor.

2.3.7 Motivação

A natureza do ser humano é muito complexa. Ao mergulharmos nesta complexidade, constatamos diferença entre vencedores e vencidos. Uma das causas para crises e quedas produtivas inesperadas, pode estar na falta de MOTIVAÇÃO de colaboradores ou mesmo dos próprios empresários rurais.

Abraham Maslow (1970) escreveu em seu livro “Motivation and Personality” (1970), que o ser humano possui determinadas necessidades que pedem satisfação, e que todas elas, umas mais que outras, dependem da interação das relações humanas para serem satisfeitas. As modernas concepções de motivação estão de acordo no ponto em que o processo de motivação está relacionado com a sucessiva satisfação dessas necessidades.

Weiss (1991) cita a apresentação de Henry Murray das modificações na Hierarquia das Necessidades de Maslow. Ele abandona a preocupação de Maslow com os impulsos fisiológicos e acrescenta algumas outras necessidades na pirâmide, perfazendo um total de treze necessidades. Na verdade, Murray tentou ser mais específico com relação a algumas necessidades, subdividindo-as, e deixou de enfatizar algumas outras, por considerá-las como comportamentos adquiridos, o que

é o caso das necessidades fisiológicas. A maior parte das categorias de necessidades de Murray acompanha a pirâmide de Maslow, como pode ser visto a seguir:

- a) Necessidade de auto-realização: realização, resistência, compreensão.
- b) Necessidades sociais: associação, dar ou receber simpatia, amor, afeição.
- c) Necessidades do ego: exibicionismo, agressividade, impulsividade, independência, autonomia.
- d) Necessidades de segurança: evitar danos, necessidade de ordem.
- e) Necessidade de poder: controle.

Murray também afirma que é possível a satisfação de várias necessidades de forma simultânea, sem necessariamente seguir uma hierarquia (Weiss, 1991).

Frederick Herzberg (1964) realizou estudos mostrando que, à medida que as pessoas amadurecem, algumas necessidades parecem tornar-se mais importantes, como por exemplo a estima e a auto – realização. A partir desses estudos, desenvolveu uma teoria de motivação do trabalho (1959) que tem amplas conseqüências para a administração e para seus esforços na utilização eficiente dos recursos humanos.

Herzberg (1964) concluiu que o homem possui duas classes de necessidades, fundamentalmente independentes entre si e que de diferentes formas influem no comportamento. Verificou que, quando as pessoas se sentiam insatisfeitas com seus serviços, preocupavam-se com o ambiente em que estavam trabalhando. Por outro lado, quando as pessoas se sentiam bem no serviço, isso estava ligado ao trabalho propriamente dito.

A primeira classe de necessidades foi denominada de “fatores de higiene” (também chamados de fatores de preservação ou manutenção), pois descrevem o ambiente humano e servem à função primária de impedir a insatisfação com o

trabalho. Os fatores de higiene consistem na qualidade das condições de trabalho, supervisão eficiente, política equitativa da empresa e administração justa. A ausência desses fatores ou recompensas elimina a satisfação dos empregados, isto é, desmotiva-os. A presença deles mantém os empregados bem dispostos com a empresa e com o grupo de trabalho, mas não necessariamente os motiva para o trabalho, posto que são vistos basicamente como pré-condição para a satisfação, ou seja, o mínimo que eles podem esperar receber em troca pelo trabalho que realizam.

A segunda classe de necessidades foi denominada de “fatores de motivação”, pois pareciam eficientes na motivação das pessoas para realizações superiores. Normalmente, trata-se de fatores essencialmente intangíveis, mas que fornecem incentivos que geram satisfação no trabalho, tais como promoção, responsabilidade, trabalho desafiador, reconhecimento, realização, crescimento e desenvolvimento. Esses fatores despertam no empregado as sensações agradáveis de auto-estima e poder pessoal (HERSEY; BLANCHARD, 1986).

Douglas MacGregor (1973) escreveu a Teoria da Motivação relacionando os conceitos básicos de motivação com as relações humanas no trabalho. Baseou-se na hierarquia de necessidades de Maslow e, especialmente, no conceito de auto-realização e na concepção de que a pessoa é um sistema orgânico e não mecânico, sendo portanto, motivada por natureza. Os insumos que o ser humano recebe (sol, alimento, água, etc.) são transformados por ele em “produtos” de comportamento; este comportamento é influenciado pelas relações entre o “eu” orgânico e o meio-ambiente. Esse relacionamento liberta a energia que seria a motivação. Os sistemas mecânicos têm que ser ativados (motivados) de fora, como o relógio, por exemplo. O sistema orgânico já é motivado. Para MacGregor (1973), se um sistema orgânico (pessoa) não possui motivação latente, dentro de si, é porque está morto. Ele propõe que, assim que a pessoa é libertada, razoavelmente, da necessidade de usar a maior parte de sua energia para satisfazer suas necessidades fisiológicas, de segurança, participação social e estima, ela passará, levada pela sua natureza, a procurar a satisfação de suas necessidades (superiores) de auto-realização.

Enfocando mais o assunto em termos de relações no trabalho, pode-se dizer que a procura de auto-realização se expressa na busca de:

- a) Autocontrole e participação no planejamento do próprio trabalho;
- b) Utilização plena (e desenvolvimento) do talento e aptidões, conhecimentos e experiências;
- c) Auto-respeito;
- d) Sensação de responsabilidade pelo sucesso do trabalho que executa (Toledo, 1989).

2.3.8 Formas de trabalho conjunto

A prática de associativismo, como forma de trabalho conjunto, é antiga e pode ser vista já nas corporações de ofício italianas, com os artesões, e em grupos sectários religiosos, como uma forma de realização de trabalhos em comum, a exemplo da confecção de barragens, caça, pesca e coleta na natureza. Segundo Klaes (2005), esses grupos eram conduzidos por lideranças diversas e passaram a ter uma organização formal a partir da Revolução Industrial.

Atualmente, a expressão “associativismo” é usada para dar conta, de maneira genérica, das possibilidades de cooperação organizada entre pessoas físicas para a realização de um determinado objetivo. Isso implica, portanto, a hipótese de que tal cooperação corresponda com as figuras organizacionais de associação entre pessoas (físicas e jurídicas) previstas em lei. Ademais, o associativismo pode ter ou não sua existência legalizada.

Por outro lado, a participação social dá-se em diferentes planos sociais e com graus de intensidades diferentes. Para Scherer-Warren (1998), uma rica vida associativista pode, por sua vez, criar as possibilidades de desenvolvimento de uma esfera pública com esta natureza democrática, na medida em que suas ações se guiarem por princípios éticos e políticos adequados a esse fim. Tocqueville (1977), por exemplo, concebeu que há uma relação entre o desenvolvimento de um associativismo denso em uma sociedade e sua capacidade de democratização.

As pessoas vivenciam, sincrônica e diacronicamente, no decorrer de suas vidas, diversas experiências de participação e de associação. A cada conjuntura, em cada contexto, diferentes fatores, tanto de ordem objetiva como subjetiva, determinam o grau de intensidade da participação das pessoas em cada um dos diversos planos sociais da sua existência.

É preciso antes do início de qualquer associação cooperativa que os futuros integrantes tenham consciência das características e diferenças existentes entre os diversos tipos de sociedade, conforme detalhado no quadro 01, para que mais tarde no decorrer das atividades rotineiras, as mesmas não sejam confundidas ou desviadas dos verdadeiros objetivos de uma Cooperativa, o que geraria descontentamento e vários outros problemas de ordem social e até monetária aos seus membros.

Sociedade Cooperativa	Associação	Sociedade Mercantil
É uma sociedade de pessoas.	É uma sociedade de pessoas.	É geralmente uma sociedade de capital.
Objetivo principal é a prestação de serviços econômicos ou financeiros aos associados	Objetivo principal é realizar atividades assistenciais, culturais, esportivas, etc.	Objetivo principal é o lucro.
Número ilimitado de cooperantes .	Número ilimitado de associados .	Número limitado ou ilimitado de acionistas.
Controle democrático = uma pessoa tem apenas um voto.	Cada pessoa tem um voto.	Cada ação representa um voto.
Assembléias: quorum é baseado no número de cooperantes.	Assembléias: quorum é baseado no número de associados.	Assembléias: quorum é baseado no capital.
Não é permitida a transferência das quotas-partes a terceiros, estranhos à sociedade.	Não tem quotas-partes.	Permitida a transferência das ações a terceiros.
Retorno dos excedentes proporcional ao valor das operações.	Não gera excedente.	Lucro proporcional ao número de ações.

Quadro 1: Diferenças entre Sociedade Cooperativa, Associação e Sociedade Mercantil
Fonte: Manual de Orientação para Constituição de Cooperativas (2000, p.11)

Em meio à grande diversidade e complexidade das formas de associativismo vivenciadas pelos diversos setores sociais e econômicos, os

diferentes grupos sociais constroem e vivenciam suas próprias formas combinatórias de associativismo econômico. Os processos de participação e de organização são consensuais e estabelecem-se por decisões plenárias. São processos permanentes e simultâneos de conquistas pessoais, grupais ou de toda uma coletividade. Nesse movimento pessoal e social, a adaptabilidade, diversidade, eqüidade e incerteza são companheiras de jornada (CARVALHO, 1994, p.26-27).

No caso desta dissertação, e de acordo com o quadro, a associação é compreendida como uma mediação entre os interesses, desejos e aspirações pessoais e coletivas dos comerciantes locais e o seu ambiente social. Quanto aos objetivos, esse tipo de associação vem se destacando por uma preocupação mais globalizada, não se restringindo apenas ao muro da sua empresa e nem apenas à lucratividade.

Uma das grandes mudanças pelas quais a humanidade vem passando nos últimos anos diz respeito a novas formas de fazer negócios e não àquelas em que as empresas tenham deixado de se preocupar com a excelência de seus produtos; pelo contrário, continuam perseguindo lucros e níveis cada vez maiores de produtividade.

A grande diferença está em como lucrar. Luiz Carlos Floriani (1999), presidente da Federação das Associações de Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina - FAMPESC, para defender a associação como uma forma nova de o empresário ter garantia de lucro, registra a própria economia globalizada como um dos elementos que o empreendedor deve dominar.

Seja qual for o tipo, o empreendedor de micro e pequena empresa do presente e do futuro deverá reconhecer e dominar as ferramentas que lhe podem oferecer condições de competir dentro de uma economia cada vez mais globalizada. O próprio conceito de concorrência está mudando. Na verdade, quem são os nossos verdadeiros concorrentes? Será que é aquele empresário do nosso bairro ou uma empresa instalada a milhares de quilômetros de distância? (FLORIANI, 1999, p.4).

A associação aparece, assim, como um dos mecanismos que possibilitam ao empresário competir numa economia globalizada. Em primeiro lugar, porque

facilita o processo de formação e a aquisição de informações sem o mundo dos negócios.

As antigas receitas de sucesso devem ser repensadas. Vive-se em um mundo no qual a informação é valorizada. Portanto, o sucesso do empreendedor dependerá, fundamentalmente, de sua capacidade de se informar. Não restam dúvidas de que formação e informação são elementos valiosos para o desenvolvimento de uma empresa.

Nesse aspecto, poder-se-ia questionar o caminho que o empresário deverá percorrer para alcançar esse objetivo. A resposta pode estar no associativismo. É para isso que a Fampesc, as AMPE's, a FCDL, a Facisc, Fiesc, ACIF e outras entidades existem, pois devem oferecer alternativas de formação aos empresários associados, além de mantê-los sempre bem informados. Também é importante que ele participe e se preocupe com a vida da sua comunidade.

Em segundo lugar, porque leva os empresários a assumirem um comportamento coletivo que os fortalece como setor.

A importância da conscientização coletiva é mais uma das vantagens que uma organização associativa pode oferecer. É necessário que o empresário amplie sua visão e trabalhe pelo crescimento do seu setor, se possível, junto com os tradicionais concorrentes. Porém, essa realidade não muda rapidamente.

Estudos apresentados na Home Page do Sebrae/SP (1999) destacam o importante papel que representam as empresas de pequena dimensão para o impulso do desenvolvimento econômico de um país. As pequenas e médias empresas são consideradas fundamentais na dinâmica das economias desenvolvidas ou em desenvolvimento. São impulsionadoras dos mercados, geradoras de oportunidades e proporcionadoras de empregos.

Os fenômenos socioeconômicos, denominados abertura de mercados, globalização, terceirização, entre outros, têm ampliado nos dias de hoje o número de P&M empresas. Presencia-se a todo o momento empregados que se desligam de grandes corporações para empreender seus próprios negócios. Porém, os estudos e as pesquisas revelam também que a taxa de mortalidade atingida por esse

segmento de empresas é bem alta. De acordo com o Sebrae/SP (OESP, 1999), em pesquisa realizada com 1.632 pequenas e microempresas cadastradas na Junta Comercial do Estado de São Paulo – Jusep, entre 1995 a 1997, o número de empreendimentos desativados ou não localizados no mesmo ano de abertura na região metropolitana chega a 36%. No segundo ano de abertura, o número das empresas que desaparecem sobe para 46%, chegando a 58% no terceiro.

Esse ambiente de insegurança é um espaço propício ao desenvolvimento do espírito empreendedor, do qual uma das tendências é a participação das PME's na constituição de associações e outras formas de agrupamento de empresas.

Associações e alianças entre pequenas empresas são formas de partilhar informações, buscar soluções de problemas específicos relativos ao setor, realizar esforços conjuntos de propaganda, além, evidentemente, de encaminhar politicamente as reivindicações do setor.

Essas associações facilitam a criação das novas formas de rede que são necessárias para a sobrevivência. Assim, as pequenas empresas tecem uma rede de informações da complementaridade que lhes dão suporte em questões como potencial de mercado, distribuição de produtos, assistência técnica e pós-venda.

2.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Este capítulo apresentou, de forma técnica, as contextualizações dos objetivos: geral e específicos propostos no trabalho. Para que se possa fomentar o desenvolvimento da comunidade de Boiteuxburgo é necessário entender o êxodo rural, para, a partir daí, discutir o desenvolvimento e seus fatores, imprescindíveis para encontrar a descrição certa da localidade e detectar quais fatores afetam e de que maneira afetam o desenvolvimento, propondo ações que o fomentem.

A partir da busca pela geração de mecanismos que mantenham os moradores de Boiteuxburgo em sua localidade, fazendo o que realmente sabem fazer, de forma sustentável, e diante do contexto da fundamentação teórica, identificaram-se ações necessárias para o desenvolvimento sustentável.

É importante ressaltar que tais resultados e experiências podem ser levados para Boiteuxburgo, e que somadas as especificidades encontradas na localidade através do estudo de caso, apresentados no capítulo seguinte, pode-se chegar às propostas de ações adicionais, e às visualizadas na fundamentação teórica, identificadas junto aos moradores da região em pauta.

3 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS APLICADAS AO ESTUDO DE CASO

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, são descritos os principais tópicos para o entendimento de como esta pesquisa de estudo de caso foi desenvolvida, tais como: a caracterização e estruturação da pesquisa, o local onde o projeto foi desenvolvido, o histórico e as condições sócio-culturais da comunidade de Boiteuxburgo – objeto deste estudo - localidade pertencente ao município de Major Gercino/SC.

3.2 A ABORDAGEM QUALITATIVA E QUANTITATIVA

Para o desenvolvimento da dissertação utilizou-se a pesquisa qualitativa em combinação com pesquisa quantitativa. Minayo (1994, p. 22) afirma que o conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõe, mas “se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

Segundo Pádua (1996, p. 32), a abordagem qualitativa é indicada “quando se quer apreender a dinâmica de um processo”, já que ela leva em consideração as motivações, crenças, valores e representações sociais. A abordagem quantitativa é indicada quando a pesquisa exige informações de um grande número de sujeitos, permitindo traduzir em números, opiniões e informações para classificá-los e analisá-los.

Neste estudo, a abordagem qualitativa foi realizada através de uma série de entrevistas, buscando-se obter informações relacionadas aos valores, atitudes e opiniões dos entrevistados. A pesquisa quantitativa, aplicada através de questionários, permitiu mensurar atributos da estrutura de mercado e organizacional, da conduta e do desempenho das empresas pesquisadas.

Existem pesquisadores que defendem o mínimo de estruturação e outros, um maior grau de estruturação. Os argumentos de ambos os lados podem ser válidos, dependendo da situação a ser pesquisada. Os planejamentos menos estruturados são mais adequados para estudos de realidades muito complexas e/ou pouco conhecidas. Quando se possui um maior grau de conhecimento devido à existência de outras pesquisas, um planejamento altamente indutivo resulta em perda de tempo e de profundidade. Além disso, trabalhar de forma predominantemente indutiva, deixando que o *design* e a teoria surjam dos dados, é difícil até mesmo para pesquisadores mais experientes (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2001).

Essa forma de trabalhar um problema faz com que as variáveis sejam qualitativas. Segundo Ferrari (1982), essas também são designadas como variáveis "nominais", sendo caracterizadas ou definidas por seus atributos, que correspondem a aspectos não-mensuráveis, não-numéricos das hipóteses ou do problema da pesquisa. Para que elas sejam tratadas de modo qualitativo, se faz necessário considerar o critério de qualidade.

Embora o planejamento não necessite nem deva ser apriorístico, no sentido mais estrito, nos estudos qualitativos a coleta sistemática de dados deve ser precedida por uma imersão do pesquisador no contexto a ser estudado. Essa fase exploratória permite que o pesquisador, sem optar pelo ao detalhamento exigido numa pesquisa tradicional, defina algumas questões iniciais, além dos procedimentos adequados à investigação dessas questões (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2001).

A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Tanto assim é que existem problemas que podem ser investigados por meio de metodologia quantitativa, e há outros que exigem diferentes enfoques e, conseqüentemente, uma metodologia de conotação qualitativa (RICHARDSON, 1999, p.79).

3.3 ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA EM BOITEUXBURGO

Para a obtenção dos dados e posterior análise foi elaborado, em princípio, um diagnóstico (APÊNDICES A e B) e entrevistados 226 moradores da localidade, a fim de obter informações para atender aos objetivos da pesquisa. Foram utilizados apenas dados como: idade, escolaridade, renda, produtividade, qualificação da propriedade, número de membros das famílias, etc...

A seguir, utilizou-se um questionário estruturado (APÊNDICE C), para entrevistar 27 chefes de família, onde foram levantadas informações relativas aos motivos da baixa produtividade local e opiniões do público-alvo desta pesquisa, ou seja, os moradores da localidade de Boiteuxburgo.

Foram definidas algumas categorias para a análise:

- a) *Design* atual de Boiteuxburgo: Realidade e sugestões
- b) Produtividade: Fatores que afetam e sugestões.

4 ESTUDO DE CASO E RESULTADOS

Neste capítulo apresenta-se o estudo de caso, cuja premissa é o desenvolvimento da localidade de Boiteuxburgo, localizada no município de Major Gercino. A partir de dados locais, obtidos através de entrevistas e conversas com a população da região, discutem-se desenvolvimento, fatores de desenvolvimento e ações para o desenvolvimento, através de uma descrição quantitativa e qualitativa.

Os indicadores levantados, assim como os fatores identificados, apresentam-se como informações de extrema importância, para este processo de desenvolvimento. É possível identificar situações negativas e positivas, respaldando ações que no futuro podem ser a reação de Boiteuxburgo, buscando assim uma melhor qualidade de vida, objetivo principal do desenvolvimento econômico.

4.1 A LOCALIDADE DE BOITEUXBURGO: SEDE DA PESQUISA

Em tempos de globalização, é fato que toda reflexão teórica, seja da ação política, ou das decisões privadas estejam ligadas exclusivamente a um espaço sem fronteiras. Foi assim no Império Romano, na expansão das caravelas nos idos de mil e quinhentos, essa forma neoliberal de pensar - que corresponde à forma de ação do capital financeiro - não é uma forma ideal para todos aqueles que necessitam de um modelo de desenvolvimento local; estes só são possíveis através da clara percepção de espaços delimitados.

Ainda assim, por mais clara que seja essa “percepção” dos espaços, integrada a consciência dos agentes sócio – político – econômicos de uma certa região, é pertinente que se entenda a história específica da população daquele território. Portanto, a política administrativa aplicada deve propiciar os meios para que o acúmulo histórico possa gerar ações que dêem um respaldo de motivação e entendimento da real situação a ser acertada.

A localidade, fundada em 1910, denominada na época “Núcleo Esteves Junior”, localiza – se no município de Major Gercino – SC, a 180 km da capital do Estado e a 780 m de altitude, situando – se geograficamente na latitude 27° e longitude 49°. Foi povoada por imigrantes alemães, poloneses, russos, austríacos e italianos, que buscavam uma melhoria de vida na perspectiva do trabalho em função das terras.

De acordo com moradores, o nome da localidade se origina do nome da escola - hoje denominada Escola Municipal Josefina Boiteux – doada na época por José Boiteux e sua esposa Josefina.

Rangel (1999) apresentou diversos problemas na colonização dessa região, identificados em uma reunião na localidade, tais como:

- a) As terras eram de posse do governo; o colono não as recebia como instrumento de trabalho;
- b) O colonizador trabalhava para o núcleo e recebia por isto um salário, que lhe possibilitaria adquirir as terras;
- c) A compra dos lotes não era repassada para os herdeiros, estes também teriam de trabalhar para o núcleo a fim de adquirir sua propriedade;
- d) Um político apossou – se de vários lotes, com a desculpa de construir uma indústria, fato que nunca ocorreu;
- e) Os investimentos e recursos não chegavam à localidade; havia no projeto a construção de uma represa de abastecimento, que não se concretizou, e os recursos que vinham por intermédio do Município de Tijucas quase nunca chegavam;
- f) Havia índios na região, e os colonos por vezes os enfrentavam;
- g) Com o tempo, alguns colonos descontentes com a situação começaram a formar outros núcleos, tais como Anitápolis e Lauro Muller.

Em 1914, o Serviço de Povoamento do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio solicitou um levantamento estatístico com base no ano de 1913, sendo que algumas informações desse ato são muito relevantes ao presente estudo, em função das possibilidades de parâmetros que se pode desenvolver.

Nesse levantamento constatou-se a existência de 121.600 ha, sendo que 356 ha eram cultivados. A população de 1140 habitantes era formada por 505 homens, 408 mulheres e 227 crianças.

No tocante à produção, o mesmo levantamento apresentou a produção das principais culturas que totalizavam 303.100 kg de cereais, 450 kg de açúcar, 74.475 tubérculos, 594 kg de cebola, 90.000 kg de abóboras, 390 kg de fumo; na pecuária havia 26 vacas, 82 cavalos, 14 ovelhas, 276 suínos.

Segundo o IBGE / Prefeitura Municipal de Major Gercino, entre os anos de 1991 a 1999, a população da localidade de Boiteuxburgo diminuiu de 665 para 375. Hoje, são 75 famílias de agricultores que correspondem a aproximadamente 12% das propriedades rurais do município que produz: fumo (150 mil toneladas / ano), milho (mil toneladas / ano), mandioca (560 toneladas / ano), legumes (1.200 toneladas / ano), criações de aves (18 mil cabeças), bovinos de leite (2 mil cabeças), de corte (1.500 cabeças) e suínos (1.400 cabeças). Já na localidade objeto deste estudo, em 2000 cultivava – se apenas cebola, batata e fumo.

Em termos educacionais a localidade é servida por uma única escola municipal que oferece o ensino fundamental. Os estudantes que querem cursar o ensino médio têm que se deslocar até Pinheiral, distante 30 km, até uma escola estadual, em ônibus oferecido gratuitamente pela prefeitura de Major Gercino.

4.2 SITUAÇÃO ATUAL DE BOITEUXBURGO: REALIDADE E SUGESTÕES

A partir dos dados coletados, tanto no diagnóstico quanto na entrevista, foi possível a elaboração de um perfil da comunidade, conforme segue abaixo.

4.2.1 Escolaridade (APÊNDICES D e E)

Analisando-se as figuras 1 e 2, percebe-se que o nível de escolaridade da localidade estudada é baixo. Na figura 1, verifica-se o grau de instrução dos chefes de família onde se destaca um percentual alarmante de analfabetos (20%), seguido de um índice igualmente desconfortável de instrução fundamental incompleta (23%) e completa (33%), atingindo um total de 76% dos chefes de família.

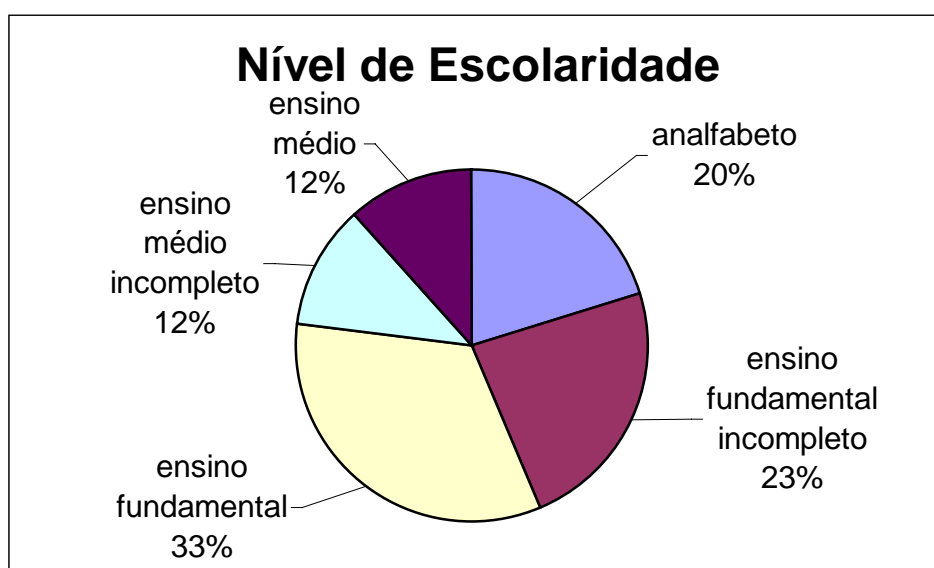


Figura 2: Nível de escolaridade dos chefes de família de Boiteuxburgo

Na figura 2, ao verificar-se a escolaridade dos dependentes, percebe-se que o nível de instrução obteve um ligeiro aumento, através das gerações, mas ainda é baixo, se considerado o nível de escolaridade obrigatório por lei (ensino fundamental). Ressalva-se que nenhum membro declarou estar freqüentando curso superior, ou seja, seus estudos, quando feitos, encerram-se no ensino médio.

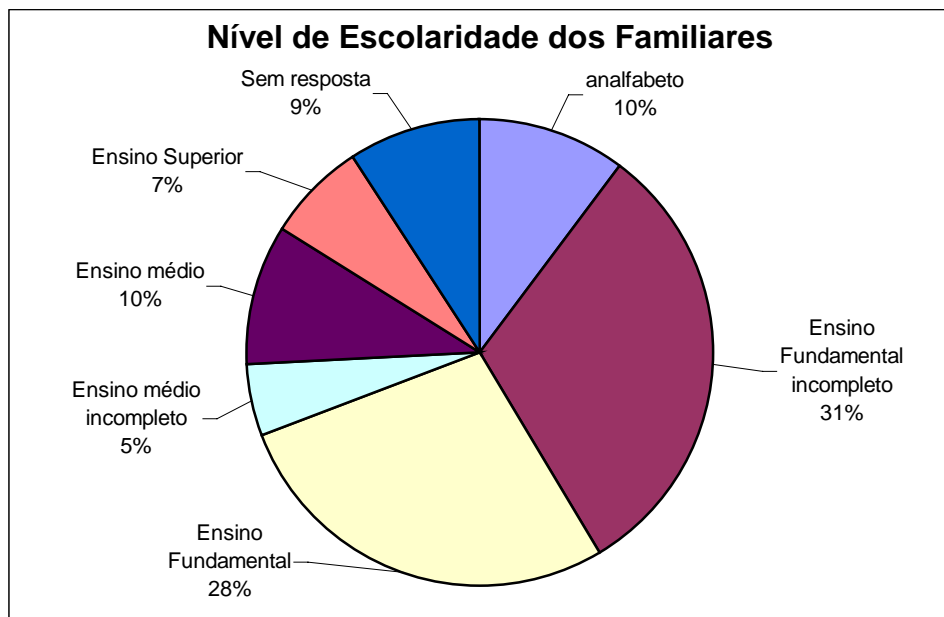


Figura 3: Nível de escolaridade dos dependentes de Boiteuxburgo

Percebeu-se também que as crianças e adolescentes começam cedo a atuar nas atividades com a família, seja na produção de fumo, milho, feijão, gengibre ou outras de menor amplitude.

Tais fatos podem estar truncando quaisquer possibilidades de futuro estudantil aos jovens, forçando-os a ajudar na manutenção da propriedade do pai, e não trazendo nenhum benefício à localidade.

Destaca-se que através das gerações a ênfase para os estudos não tem sido grande ou prioritária. De quem é esta omissão com a educação? Das famílias? Da comunidade? Do governo? Acredita-se que a responsabilidade maior é do governo instituído, pois compete a ele, conforme a lei, dar condições para a conclusão do ensino fundamental em escolas públicas. E se o fato é que não há interesse da comunidade, onde estão os agentes comunitários ou sociais que toda prefeitura tem, e aos quais cabe o papel de orientação e acompanhamento das famílias, não apenas em questões de saúde pública, mas também em questões como orientação familiar, que é onde se encaixa o incentivo à educação formal? Não estamos aqui tratando de política partidária, pois este não é um problema recente, é algo que vem acontecendo por sucessivas gerações ou como melhor

poderíamos dizer, desde a instituição do município de Major Gercino, ao qual essa comunidade pertence.

O que poderia ser feito? Ações simples e costumeiras existentes hoje em várias cidades brasileiras, dependendo apenas de um pouco de interesse, conhecimento da existência de tais ações e motivação da comunidade. Quanto ao Poder Público, falta apenas a iniciativa de implantar um programa que atenda às necessidades educacionais de tais regiões e a capacidade de deixar de lado a inércia que há décadas se instalou em tal município.

Ações como a educação de adultos, hoje oferecida com a denominação de CEJA (Centro de Educação e Jovens e Adultos) pela Secretaria de Educação Estadual, poderiam ser uma alternativa para oferecer à comunidade aulas semanais, ou mensais, ou modulares, ou outra opção que possa levar esse tipo de instrução programada atendendo às condições peculiares da comunidade.

Outra ação que se acredita ser de grande valia seria a instalação de uma Casa Familiar Rural (ANEXO A), programa baseado na Pedagogia da Alternância, de origem européia, mais precisamente francesa, onde o aluno cursa o ensino fundamental de maneira integrada aos conhecimentos do seu dia-a-dia, ficando na escola uma semana e duas em casa, onde irá aplicar os conhecimentos adquiridos, bem como levantar novos problemas técnicos para serem estudados na semana seguinte.

Se o entrave para a viabilização de tais programas é financeiro, há a alternativa das parcerias com ONGs, estatais e outros organismos, nacionais e até internacionais. Cita-se como exemplo a Casa Familiar do Mar, inaugurada recentemente (junho/2005) em Laguna-SC, onde, através do interesse de autoridades do Japão, viabilizou-se com aquele país verbas acima de R\$ 240.000,00, para a implantação de uma Casa Familiar modelo, que além de trabalhar com o regime de alternância, propicia cursos de artesanato local e cursos de formação geral, atendendo à comunidade. Imaginemos um projeto semelhante em Boiteuxburgo, como estaria essa comunidade na próxima geração? Com certeza diferente, ao menos em seu nível escolar e de conhecimento técnico.

Outra ação interessante seria o estímulo, até mesmo as parcerias, com a prefeitura, para que alunos da comunidade façam o curso Técnico em Agropecuária em colégios agrícolas, já que existem vários deles em Santa Catarina, sendo o mais próximo o do Colégio Agrícola de Camboriú, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina. Esse morador – técnico agrícola – poderia voltar à comunidade e ser um disseminador dos conhecimentos aprendidos, bem como, um estimulador para ações comunitárias como cooperativas, grupos de produtores, implantação de novas culturas, associações, etc, até mesmo na busca de parceiros para o desenvolvimento de projetos em Boiteuxburgo.

4.2.2 FAIXA ETÁRIA

O último levantamento realizado pelo IBGE, em 2002, e divulgado em dezembro de 2003, demonstra que a expectativa de vida dos brasileiros aumentou, passando dos 70 para os 71 anos.

Outro dado interessante, que o levantamento mostrou, é que as brasileiras vivem em média 7,6 anos a mais do que os brasileiros, isso porque muitos deles são vítimas da violência ainda na adolescência. Contudo, essa disparidade nas expectativas de vida entre os sexos no Brasil, dá sinais de diminuição e estabilização desde 1991, segundo os especialistas.

O IBGE acredita que a expectativa de vida atingiu esse patamar devido a muitos fatores, mas o preponderante foi a queda da mortalidade infantil. Em 1980, a expectativa de vida dos brasileiros era de 62,5 anos.

Na figura 3, percebe-se que, em Boiteuxburgo, 13% dos chefes de família são jovens (entre 20 e 30 anos); os chefes de família entre 31 e 40 anos (relativamente jovens) correspondem a 19%, ou seja, pode-se considerar que 32% destes, são de uma faixa etária com uma grande força produtiva e teoricamente, com um bom tempo de trabalho por vir. Verifica-se também que 8% dos chefes de família estão acima da média de expectativa de vida dos brasileiros, que é de 71 anos, ou melhor, com uma longevidade invejável.

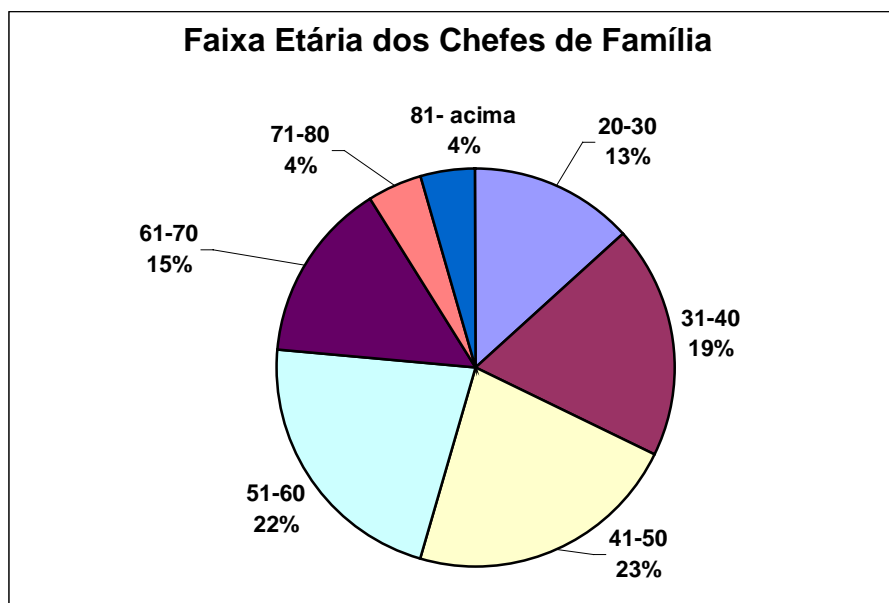


Figura 4: Faixa etária dos chefes de família de Boiteuxburgo

Pode-se identificar que 77% estão dentro de uma faixa de produtividade que vai dos 20 aos 60 anos; portanto, a grande maioria está apta à produção com relação à faixa etária.

Outro fator pesquisado, está relacionado à permanência das famílias na região, visto que sua maioria é jovem, e desenvolve atividades produtivas de subsistência, gerando um padrão de receita relativamente adequado à média brasileira.

Ações que visem à saúde e ao bem estar social desses trabalhadores precisam ser desenvolvidas, unindo comunidade e poderes públicos: grupos de jovens, grupos de terceira idade, clubes de bocha e times de futebol, são pequenos prazeres que tornarão o dia-a-dia mais prazeroso, motivando-os para o trabalho, pois têm seu lazer garantido, e todo ser humano, quer do campo, quer da cidade, precisa de momentos de descontração para “recarregar as baterias” para mais uma jornada de trabalho.

Na localidade não há nenhum programa que atenda os idosos; entretanto o município sede possui, e alguns dos munícipes da localidade em estudo participam (a prefeitura disponibiliza transporte para os dias dos encontros).

4.2.3 Faixa etária dos familiares

Conforme já foi referenciado, a grande maioria da população da localidade é jovem, sendo que a faixa etária entre 0 e 30 anos atinge 67%. Desse modo, acredita-se que preocupação maior, deveria ser manter esses jovens no campo, fornecendo-lhes bases teórico-práticas para que possam obter sucesso nas atividades agropecuárias, bem como desenvolver novos projetos que objetivem o aperfeiçoamento das atividades locais e também o surgimento de novas alternativas econômicas.

Se atitudes não forem implementadas com urgência, com base nas estatísticas do êxodo rural da comunidade (quadro 2), conclui-se que em tempo muito próximo a comunidade de Boiteuxburgo terá sua população sensivelmente reduzida, talvez até sem poder econômico de subsistência, uma vez que os jovens estão cada vez com mais frequência deixando a localidade em busca de novas oportunidades na cidade, ficando o idoso em sua terra desamparado e sem condições produtivas.

DISTRITO/MUNICÍPIO	TOTAL		
	1991*	1999**	2001***
Boiteuxburgo	665	375	226
Major Gercino	2.277	3.541	3534

Quadro 2: Êxodo rural em Boitexburgo

Fonte: Adaptado de IBGE/**Prefeitura Municipal de Major Gercino/**Pesquisa

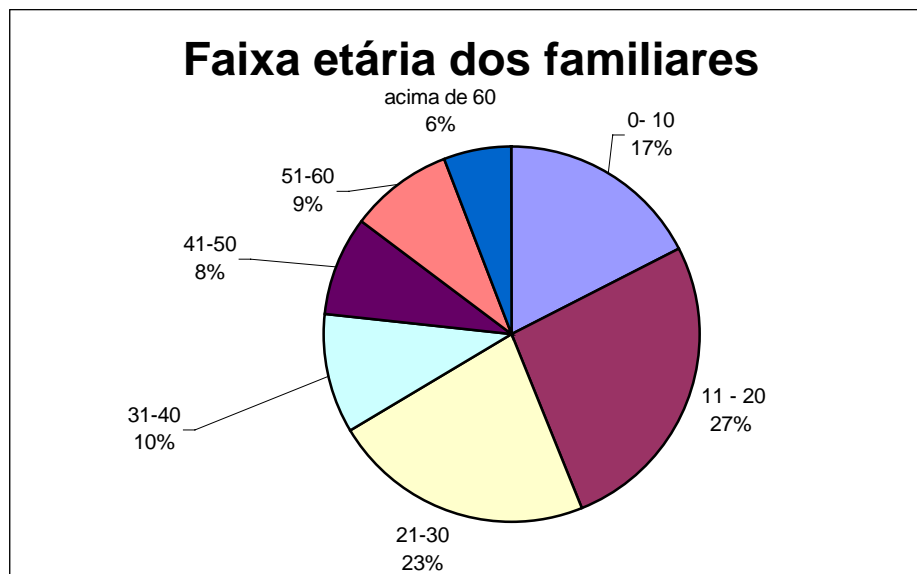


Figura 5: Faixa etária dos familiares de Boiteuxburgo

4.2.4 Qualificação da propriedade (APÊNDICE F)

Historicamente, todas as terras da região eram de propriedade do governo federal que as cedia aos imigrantes para sua exploração.

Atualmente, o estudo mostrou que essa prática ainda acontece, visto que 54% das propriedades são áreas cedidas pelo governo federal - entende-se por área cedida aquela cujo proprietário entrega para terceiros realizarem sua exploração econômica sem ônus - 15 % são áreas alugadas e 20% são áreas emprestadas.

Durante a pesquisa constatou-se que alguns moradores afirmam ter apenas “um papel do INCRA”, informando que a terra é sua; outros dizem ter regularizado a questão e outros ainda informam que “com ou sem papel” terras já foram vendidas e revendidas na região.

Apenas 11% dos moradores são proprietários de terras, ou melhor, isto indica, outro grande problema para a região: Por que o restante dos moradores não adquiriu ainda sua propriedade rural? Onde entra o papel do governo, com seus financiamentos, incentivos e programas de fixação do homem no campo? Por que isto ainda não chegou à localidade?

A grande questão das áreas cedidas é o desconhecimento que a maioria da população da localidade tem em relação ao papel de posse emitido pelo INCRA, que lhe dá a possibilidade de utilização da terra. Muitos até apresentam um documento expedido pelo órgão supracitado e afirmam que algumas propriedades já possuem o terceiro ou quarto dono, tendo sido vendidas mais do que uma vez.

Considerando o relevante percentual de 54% dos moradores de Boiteuxburgo que detêm a posse de terras cedidas pelo Governo, e em virtude da importância desse fato na comunidade, procurou-se esclarecer a situação através de um e-mail encaminhado ao Ministério do Planejamento solicitando informações a respeito da aludida questão. Tal solicitação teve um outro encaminhamento, dessa vez à Secretaria do Patrimônio da União, mas também não obteve resposta.

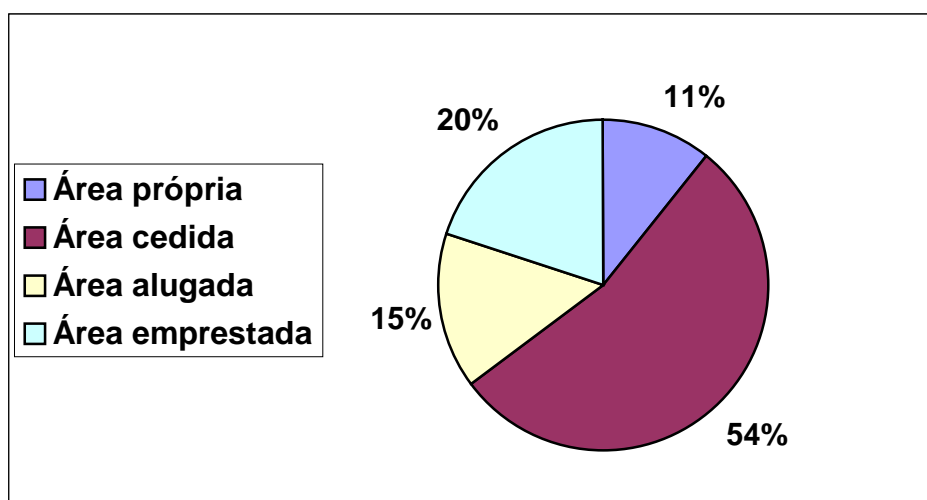


Figura 6: Qualificação das áreas trabalhadas pelos moradores de Boiteuxburgo

4.2.5 Área por família

Para Olinger (1991), são consideradas pequenas, aquelas propriedades com menos de 50 hectares. O mesmo autor, afirma que essas pequenas propriedades são responsáveis por cerca de 70% da produção de alimentos básicos e de 10 a 30% das exportações dos produtos agropecuários.

O pequeno agricultor vive há muito tempo uma realidade onde sozinho não consegue realmente se desenvolver a ponto de se tornar produtivo e competitivo.

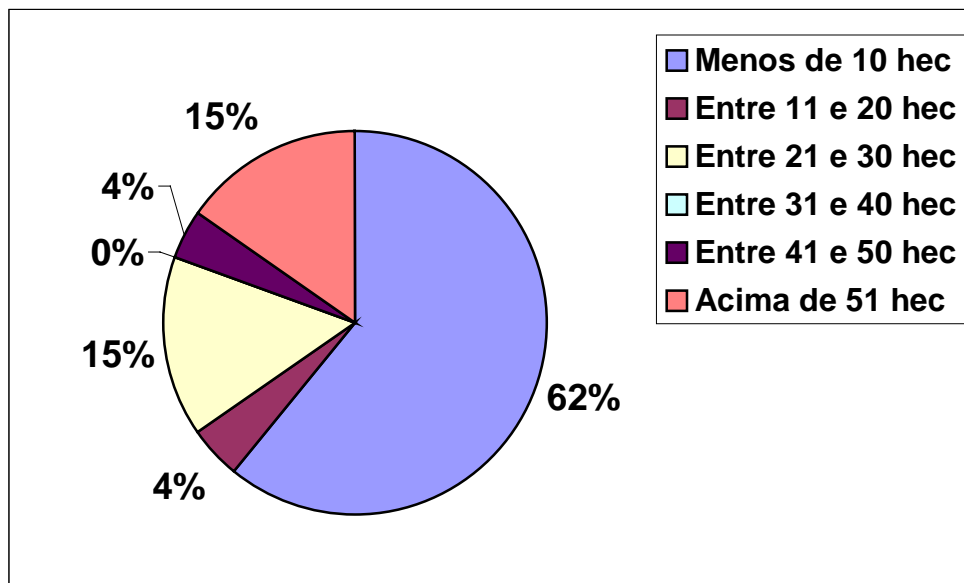


Figura 7: Área trabalhada por família

Destaca-se que 62% - nível considerado alto - dos moradores da localidade de Boiteuxburgo trabalham em uma área equivalente ou inferior a 10 hectares, o que caracteriza uma agricultura de subsistência, mas além de mais terra, esses agricultores carecem de conhecimentos técnicos, como rotação de culturas, entressafra, plantios alternativos, adubação correta, alternativas variadas de plantio, pois o que têm é o conhecimento erudito, faltando-lhes o conhecimento científico, aquele comprovado veridicamente.

Assim, a construção ou a conquista de um ponto fixo de comercialização de seus produtos excedentes, ou até mesmo o troca-troca comunitário, lhes permitiria a produção de determinada cultura e a troca com a comunidade por outro produto que lhes faça falta. Esse princípio da cooperação recíproca é uma prática muito antiga, mas perfeitamente viável nos dias atuais.

A identificação de culturas adequadas para a localidade poderia melhorar a produtividade, gerando um pólo semelhante ao da localidade de Pinheiral, município vizinho de Boiteuxburgo, e forte produtor de uva e gengibre, cuja cultura deu origem a dois tipos de indústria paralela: a fabricação de vinho e a lavagem e seleção do gengibre. É importante ressaltar que nestas indústrias quem atua é apenas a família, os pais e filhos, sendo que a contratação de empregados temporários raramente acontece.

4.2.6 Origem da Renda dos Moradores (APÊNDICES G, H; ANEXO B)

Percebe-se que a grande maioria dos moradores da localidade, ou seja, 46% têm nas atividades ligadas à agropecuária, sua principal fonte de renda, e destes, uma fatia considerável - 20% - são aposentados. O restante tem como fonte de renda, outros serviços não ligados à área agropecuária. Acredita-se que isso se deve ao fato das pequenas propriedades não atenderem às necessidades econômicas familiares.

O estudo também levantou que 64% da população desenvolve alguma atividade profissional na região, os demais ou não especificaram ou recebem pensão. Os funcionários públicos estão ligados à Escola Municipal Josefina Boiteux ou à Prefeitura Municipal de Major Gercino. Os caminhoneiros fazem o transporte de lenha, barro e outros produtos da localidade. Os empregados atuam na Cerâmica Aurora, ou em outras empresas que se beneficiam de algo na região, assim como os carpinteiros. Ou seja, toda a comunidade mesmo que não ligada a atividades agropecuárias, desenvolve trabalhos terceirizados na própria comunidade.

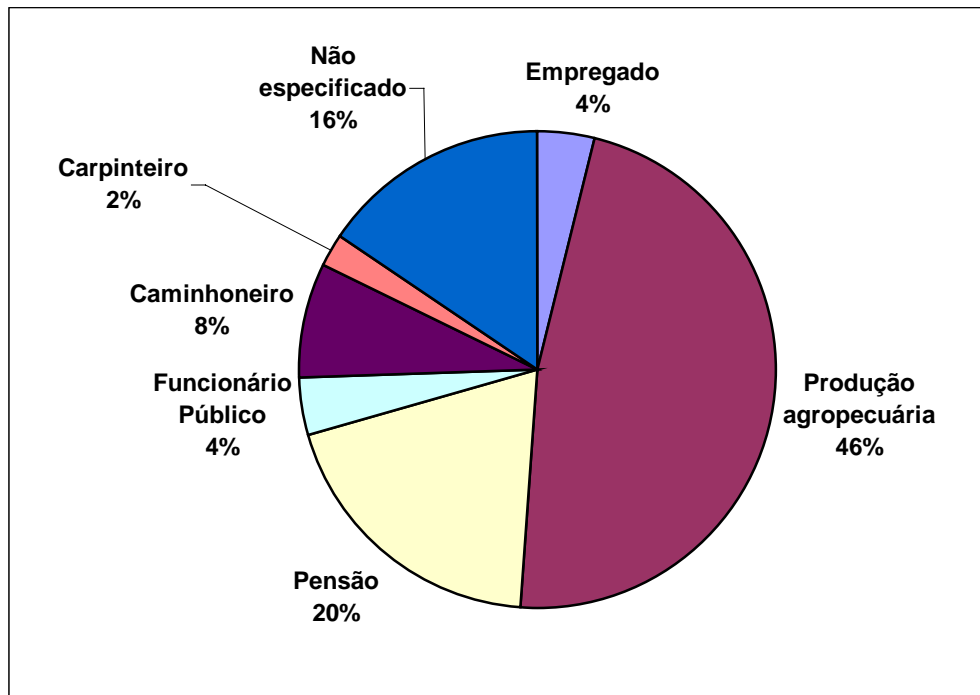


Figura 8: Origem da renda

Em relação à faixa salarial, destaca-se que 50% da população amostra recebe entre dois e três salários mínimos, o que equivale à média salarial catarinense de acordo com a tabela (ANEXO B) divulgada pelo IBGE, na qual, excluindo-se funcionários públicos e empresários, obtém-se uma média salarial de R\$602,17, exatamente o montante salarial da maioria dos moradores de Boiteuxburgo.

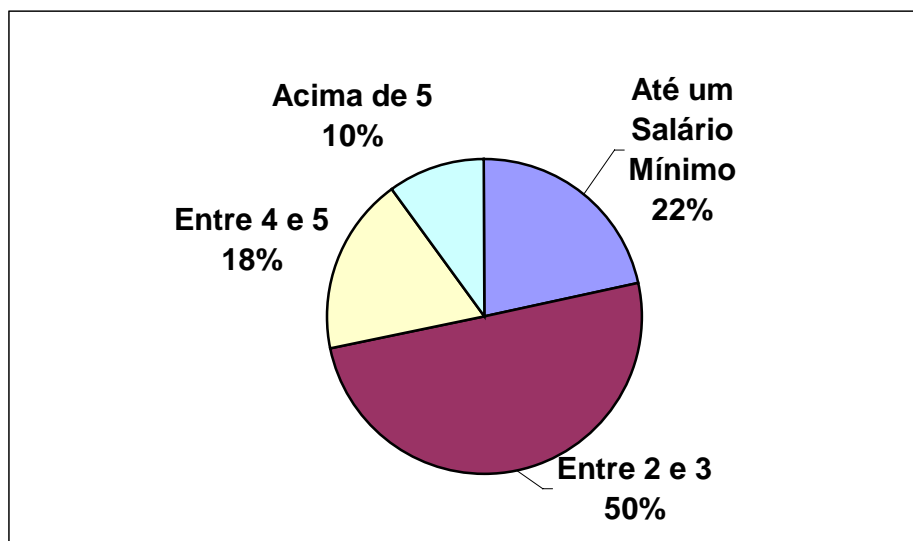


Figura 9: Faixa salarial

Portanto, pode-se constatar que Boiteuxburgo, no que tange ao quesito rendimento, não é diferente com relação aos demais municípios do Estado, pois de acordo com o IBGE, a localidade se situa na média entre o município de Balneário Camboriú, com R\$ 800,00 e em torno de 100.000 habitantes, e o município de Camboriú, com R\$ 360,00 e uma população de cerca de 35.000 habitantes.

A atividade pecuária na região é pouco significativa. A mais expressiva seria a bovinocultura; entretanto, está relacionada a apenas duas famílias, dando-lhes uma ótima rentabilidade considerando-se os índices locais. Os demais animais são para subsistência, ou como passeio e força (cavalo) ou para alimentação (aves, suínos,...) (APÊNDICE H)

4.3 PRODUTIVIDADE: FATORES QUE AFETAM E SUGESTÕES

Procurou-se nesta pesquisa levantar, em relação à produtividade local, quais fatores a estavam afetando e sugestões do que poderia ser feito para melhorá-la e incrementá-la, conforme segue abaixo.

No setor de culturas agrícolas, percebe-se que a produtividade da região é bastante considerável: são 35 toneladas de fumo, 39 de milho, 24 de batata, 25 de verduras e 23 de frutas (uva, pêssego).

Porque os proprietários rurais da região de Boiteuxburgo não produzem ou produzem pouco?

É consenso geral que a força produtiva de Boiteuxburgo está estagnada e que com estímulo, orientações e sugestões práticas a realidade poderia ser mudada.

A falta de conhecimento, entendida nesta pesquisa como formação geral, foi o motivo mais indicado pelos entrevistados como fator influente nas atividades da comunidade, seguido por falta de conhecimento nos processos de trabalho, ou seja conhecimento técnico e falta de infra-estrutura.

Conforme demonstra a figura 10, outros fatores como a falta de iniciativa, falta de motivação e ausência de senso de empreendedorismo, também foram

apontados como pontos negativos no desenvolvimento local por alguns dos entrevistados.

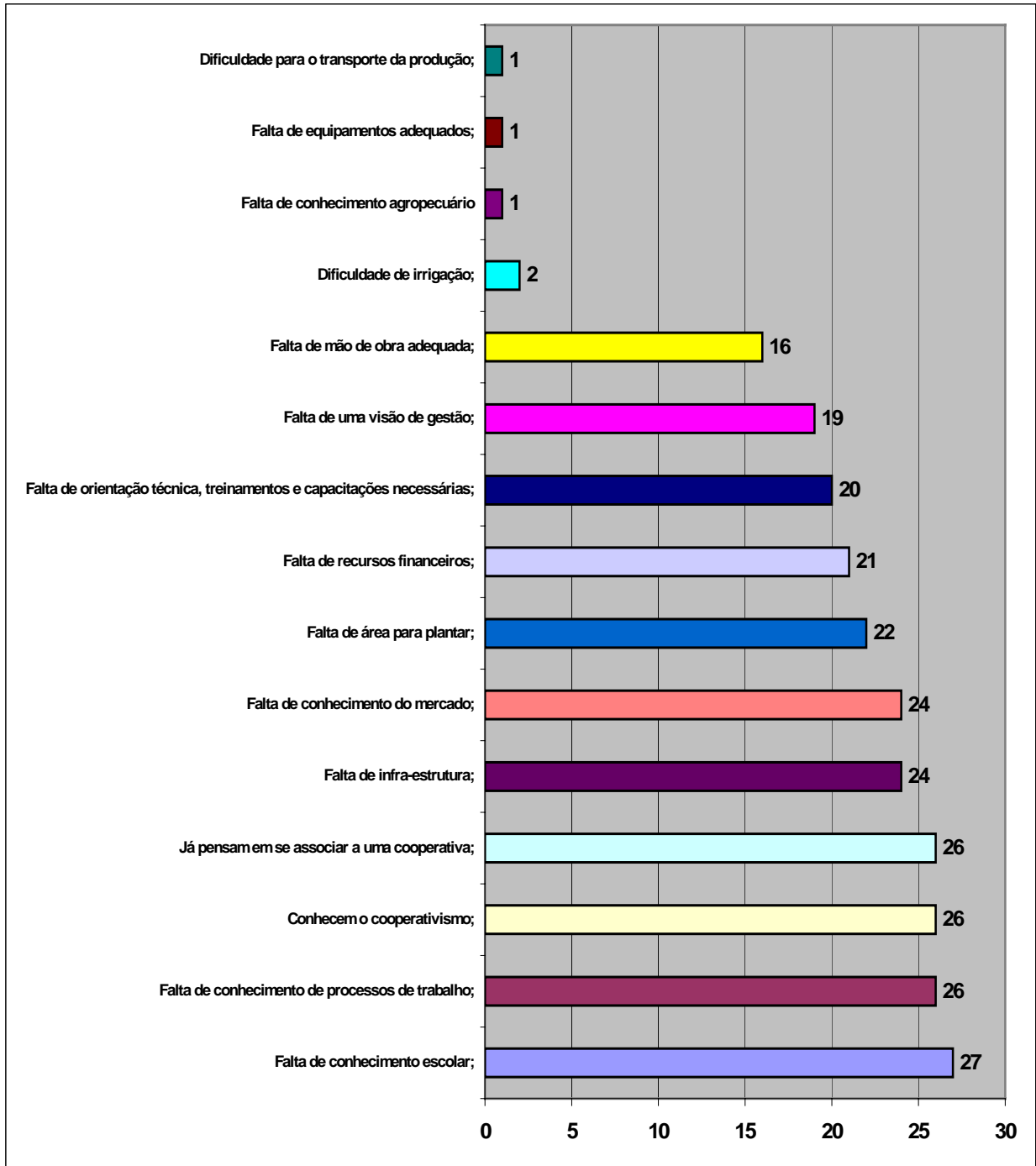


Figura 10: Fatores que influenciam o processo produtivo em Boiteuxburgo

4.4 INFORMAÇÕES ADICIONAIS DETECTADAS

Como alternativas de produção, a população amostra sugeriu projetos na área agrícola, industrial e agroindustrial. O plantio de uva, gengibre, frutas e grãos foram sugeridos. Em virtude da qualidade do barro da região, a produção de cerâmica foi apontada como alternativa para geração de empregos e renda diversos à área agrícola. A criação de um laticínio, também proposta, seria a alternativa de trabalhar e agregar valor ao produto (leite) gerado, hoje em pequena quantidade na localidade, e vendido a preços irrisórios a terceiro que o industrializa.

Constatou-se que a origem étnica da população local é, na sua grande maioria, alemã e culturalmente todos tem em suas áreas, grandes ou pequenas pelo menos uma vaca leiteira e uma roça de cana-de-açúcar, prevalecendo a agricultura familiar de subsistência.

O solo da região possui alta acidez e pouca profundidade, mas mesmo assim, faz parte da região que mais produz grãos no município, ou seja, a baixa produtividade é fator preponderante em Major Gercino.

A grande cultura da região é o fumo, que mantém 05 técnicos nessa área e na região, seguido pelo leite, gengibre e uva (em pequena escala). No período da entre safra do fumo são cultivados o milho e o feijão.

4.5 ANÁLISE

A comunidade de Boiteuxburgo, apesar de todas as suas peculiaridades, apresenta uma população consciente de que precisa de ajuda para mudar seu estilo produtivo, gerando assim novas formas de produção e renda, mantendo o jovem no campo e aprimorando suas condições sócio-econômicas.

É de extrema relevância o fato de que a renda dos moradores da localidade não difere em muito da média de renda do estado de Santa Catarina, e, portanto, maior preocupação deveria estar ligada aos motivos de evasão de pessoas para o litoral que também é fato comum no estado inteiro.

Constatou-se que a baixa produtividade e o êxodo rural estão interligados e atingem todo o município de Major Gercino. Destaca-se que atitudes urgentes precisam ser tomadas e, na verdade, não são ações complicadas ou desconhecidas, uma vez que os próprios moradores, em sua experiência de vida, conseguem indicar caminhos a seguir, como fizeram quando questionados nesta dissertação.

Problemas ligados à produtividade, controle financeiro, possibilidade de aporte financeiro para novas atividades, desconhecimento tecnológico, falta de orientação, mercado consumidor desconectado, baixa motivação e falta de lideranças positivas são fatores que afetam o meio rural no mundo inteiro. As dificuldades são realmente inúmeras; entretanto, a população de Boiteuxburgo precisa encontrar um objetivo comum e para tanto um serviço de orientação é de suma importância e poderia ser prestado pelo Poder Público, ou com o retorno ao campo dos jovens que buscaram aperfeiçoamento no ensino técnico.

Durante a pesquisa foi levantado que:

- a) A uva chegou à região através do Colégio Catarinense, que possui uma vasta área entre Pinheiral e Barra Negra;
- b) O gengibre foi trazido por uma empresa que após o transporte de toda a produção desapareceu sem pagar ninguém. Após esse fato, alguns agricultores das regiões de baixo começaram a produzir por si próprios.
- c) O fumo foi trazido por empresas do ramo, sendo uma das maiores economias da região, mantendo até cinco técnicos na região alta de Major Gercino.

Pode-se concluir que as produções mais assessoradas e que dão uma maior rentabilidade à região foram implantadas por organismos externos à comunidade, não se desenvolvendo por si só em Boiteuxburgo, seja através do Colégio Catarinense ou das empresas de fumo e gengibre.

Quanto a qualquer atividade agrícola, é importante a constatação de que o solo é de alta acidez e de pouca profundidade, causando alguns problemas ainda maiores à produtividade da região.

A existência de uma associação rural logo abaixo de Boiteuxburgo, na localidade de Barra Negra, já é um início para uma atividade de desenvolvimento, entretanto, em duas visitas feitas ao local, constatou-se a pouca experiência, iniciativa e perspectiva dos associados.

Em uma das visitas à associação, presenciou-se uma reunião para reivindicar o aumento do preço de leite com um enviado da usina e, quando questionados quanto ao preço de custo do leite, os associados não souberam informar. Seguindo-se o questionamento, perguntou-se como faziam então o cálculo para pedir o referido aumento, eles responderam – “quando começa a faltar dinheiro”.

Acredita-se que o cooperativismo seria a solução, ou no mínimo um grande aliado da comunidade de Boiteuxburgo, pois através dele poderiam ser desenvolvidos: projetos como o laticínio, produção e comercialização de grãos e demais produtos agropecuários, agregando valor de mercado à matéria-prima.

Logo, constata-se que é necessário que alguém (organismo público, particular ou organizacional) tome a frente do trabalho, desenvolvendo projetos baseados nas próprias sugestões dos moradores. Porque não encabeçar a luta pela construção de uma olaria, que poderia até ser comunitária?

A falta de uma efetiva liderança local causa falhas nos processos comunitários. Um líder(s) poderia ser o elo que falta para o desenvolvimento, buscando caminhos profissionais para soluções já sabidas, ou seja, a percepção de um conhecimento técnico que iria desde a parte operacional agropecuária até as funções básicas da administração – planejamento, organização, liderança e controle relacionado ao cultivo ou criação de animais. E por entender que isto é parte fundamental do processo, é preciso ter uma visão do todo, pois no mundo globalizado, Boiteuxburgo tem, sim, sua função sócio-econômica. Deve-se identificá-la, fomentá-la e buscar um desenvolvimento pautado no conhecimento, seja através de uma Casa do Familiar Rural, ou de um convênio com a Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC/Colégio Agrícola de Camboriú-CAC, para que haja o desenvolvimento de atividades que forneçam àqueles jovens um conhecimento específico, capaz de transformar positivamente a localidade.

Ter consciência da necessidade de transformação dentro da localidade, não basta para se ter um futuro para seus produtos no mercado. Desta forma, pode-se afirmar que há a necessidade de uma mudança, e a maneira de administrar tal mudança será um item de extrema importância para o sucesso neste mundo competitivo.

Outro fato importante é a participação do maior número possível de moradores locais nessa ação, seja por um fator de sobrevivência ou por visão de futuro, pois serão eles grandes catalisadores das ações locais, de uma forma coletiva e cooperativa.

Por outro lado, não se pode esquecer as parcerias que devem ser realizadas pela localidade, tanto entre seus moradores, quanto com a comunidade, em geral, para trazer uma maior conscientização das partes em relação ao seu papel na sociedade.

Para que se possa recriar sociedades desenvolvidas, é preciso envolver três importantes setores da sociedade brasileira: o governo, o setor de negócios e o setor social. O empresário rural hoje não pode mais pensar somente num lucro de subsistência gerado pelos seus produtos ou serviços. É preciso gerar uma rede de contatos, uma visão sistêmica dos processos de produção, envolvendo redes que vão desde os fornecedores até os consumidores e, nesse sentido, a experiência de várias associações vem de certa forma contribuindo para essa tendência, criando uma nova consciência mais integradora dos setores sociais, econômicos e produtivos.

A Escola, contribuindo com iniciativas com o objetivo de extrapolar os muros da instituição, os empresários na tentativa de melhorar seus negócios, bem como deixar a região onde ficam seus negócios mais atraentes, os bancos auxiliando através de oportunidades financeiras, o consumidor fomentando esse processo.

É preciso quebrar os paradigmas de muitos dos proprietários locais, que afirmam que: falta orientação técnica, treinamentos e capacitações necessárias; falta mão de obra adequada; falta conhecimento do mercado; falta uma visão de gestão;

faltam recursos financeiros; falta conhecimento; falta conhecimento de processos de trabalho.

Os moradores da localidade não reconhecem por si mesmos a dificuldade de transporte de sua produção, dificuldades na irrigação das lavouras; falta de conhecimento agropecuário ou falta de equipamentos adequados, e teimosamente persistem em erros antigos, como por exemplo, não incentivando seus filhos a continuarem seus estudos, preferindo que eles permaneçam na localidade ajudando nas atividades diárias, seja no plantio, seja na transformação, Em suma, mantêm uma visão imediatista e não de futuro.

Ações para manter a qualidade ambiental são importantes, pois já se vislumbra na região o crescimento dos reflorestamentos, e tal crescimento está alterando a paisagem na subida. A educação ambiental deve fazer parte do ensino escolar, para que se possa ter no futuro um ambiente adequado e pessoas preocupadas com ele.

O resultado deste trabalho aponta algumas considerações possíveis de serem feitas:

- a) É possível o desenvolvimento local planejado, a partir de ações voltadas para a integração das pessoas baseada na interseção dos seus interesses.
- b) É necessário que a escola gere conhecimentos que levem a procedimentos para o desenvolvimento regional.
- c) É fato que o sucesso de parceria se reflete em resultados como: comportamento ativo e integrado dos parceiros diante dos problemas a serem resolvidos; a troca de benefícios entre moradores locais, escolas, órgãos governamentais, iniciativa privada e outros, pode gerar: produto, propaganda e motivação local para a formação de uma associação de desenvolvimento.
- d) Uma parceria entre os atores de Boiteuxburgo concretizaria benefícios que poderiam estar distribuídos a toda comunidade, e que atualmente são distribuídos entre outras organizações de fora da região, que é o caso do leite, gengibre, e até mesmo da uva. Sem almejar algo e ter

uma rica experiência de aprendizado, desenvolvendo habilidades empreendedoras, não conseguirão aplicar ações em prol do desenvolvimento local.

Vê-se a necessidade de ações que consolidem o conhecimento técnico relacionado à agropecuária, mas há também a possibilidade do turismo rural ou ecológico, a agroindústria, mas imprescindivelmente a gestão de negócio agropecuário, pois é muito difícil pregar desenvolvimento sem esse conhecimento específico.

4.5.1 RESUMO DOS PROBLEMAS IDENTIFICADOS

O quadro 03 a seguir apresenta, a partir da análise anterior, um resumo dos principais problemas encontrados em Boiteuxburgo.

PROBLEMAS IDENTIFICADOS
Baixa escolaridade
Propriedades cedidas
Baixa produtividade
Agricultura de subsistência
Ausência de controle financeiro da produção
Desconhecimento tecnológico
Falta de orientação técnica
Mercado consumidor desconectado
Baixa motivação
Falta de lideranças comunitárias positivas
Falta de conhecimento de gestão

Quadro 3: Principais problemas identificados em Boiteuxburgo

4.5.2 PROPOSTAS DE AÇÃO

A partir dos problemas identificados no estudo de caso, as alternativas de ação, propostas neste trabalho, são apresentadas no quadro 04 abaixo, como possíveis soluções para amenizar a realidade de Boiteuxburg.

SOLUÇÕES APRESENTADAS
Casa Familiar Rural – pedagogia da alternância
Cooperativismo
Aproximação de Órgãos Públicos
EJA – Educação de Jovens e Adultos
Assistência dos agentes comunitários
Convênios com prefeituras e demais entidades para possibilitar estudo profissional
Programas de melhoria da qualidade de vida
Envolvimento de toda comunidade nas ações
Possibilidade de aporte financeiro para novas atividades
Regularização das propriedades
Programa de troca-troca de sementes, mudas e produtos.
Programa de formação de líderes rurais
Parcerias com órgãos públicos, privados e ONGs
Ações para manter a qualidade ambiental
Desenvolvimento do turismo rural ou ecológico
Implantação de agroindústria de laticínios e/ou demais atividades afins
Mudança da cultura para ação participativa pró ativa
Melhoria do processo de gestão controle financeiro
Comercialização de Produtos
Organizar cadeias produtivas sintonizadas no mercado local e externo

Quadro 4: Síntese das análises realizadas e ações propostas

4.5.2.1 Implantação da Casa Familiar Rural – pedagogia da alternância

A instalação de uma Casa Familiar Rural atenderia à comunidade nos aspectos de formação regular e técnica, pois este tipo de instituição tem como princípio o regime de alternância onde o aluno passa uma semana na escola e duas em casa aplicando os conhecimentos adquiridos.

Atenderia à comunidade nos problemas relativos à baixa escolaridade, baixa produtividade, ausência de controles financeiros de produção, desconhecimento tecnológico, falta de conhecimento de gestão.

4.5.2.2 Incentivo ao Cooperativismo

Essa sociedade democrática, com objetivos voltados aos associados, possibilita uma melhor competitividade numa economia globalizada e atende aos problemas de baixa produtividade, agricultura de subsistência, ausência de controles financeiros e desconhecimento tecnológico.

4.5.2.3 Aproximação de Órgãos Públicos, Privados e ONGs, Assistência de Agentes Comunitários, Regularização das Propriedades

A distância da sede até a localidade estudada não é apenas física; o lado sócio-econômico da região precisa de apoio, que deveria ser prestado pelos poderes públicos, através da assistência técnica e social, incentivos, parcerias, atendendo aos problemas da regularização das propriedades cedidas, ausência de controles financeiros, desconhecimento tecnológico, falta de orientação técnica e baixa motivação.

4.5.2.4 EJA – Educação de Jovens e Adultos

Programa oferecido pelo governo estadual e por força de lei, futuramente pela rede federal de ensino, que visa a propiciar condições de acesso ao ensino regular e técnico, a jovens e adultos que não o fizeram em idade adequada. Este trabalho propõe que uma unidade de ensino seja criada na comunidade possibilitando o acesso à educação à comunidade local, atendendo ao problema de baixa escolaridade, desconhecimento tecnológico, baixa motivação, falta de lideranças comunitárias positivas.

4.5.2.5 Estabelecer Convênio com prefeituras e demais entidades para possibilitar estudo dos jovens em Colégios Agrícolas

As Escolas Agrotécnicas Federais e Colégios Agrícolas propiciam o ensino técnico e formal, preparando o jovem para atuar, também, na propriedade rural. Muitos adolescentes da região não têm condições de acesso a tais instituições; entende-se que prefeituras e outros órgãos poderiam agir como facilitadores neste processo, uma vez que, quando retorna, o jovem vem com formação propícia a solução de problemas como: baixa escolaridade, baixa produtividade, agricultura de subsistência, ausência de controles financeiros da produção, baixa motivação, falta de lideranças comunitárias positivas e falta de conhecimentos de gestão.

4.5.2.6 Desenvolver programas de melhoria da qualidade de vida e qualidade ambiental, programas de formação de lideranças rurais

Programas recreativos, culturais, sociais e ambientais, como por exemplo programa de formação de lideranças no campo, propiciados pelos órgãos públicos, associação de moradores ou outras entidades poderiam ser soluções para os problemas de baixa motivação e falta de lideranças comunitárias positivas, bem como para a conscientização da necessidade de conservação dos meio ambiente.

4.5.2.7 Envolvimento de toda a comunidade nas ações

Buscar através dos programas implantados o comprometimento de toda a comunidade, conscientizando-os para a necessidade de união em prol do progresso local, poderia ser o início da integração comunitária que geraria mecanismos na solução da grande maioria dos problemas apresentados.

4.5.2.8 Buscar Aporte de Recursos Financeiros para novas Atividades, Programa Troca-troca de Sementes e Produtos

O fomento da produção agropecuária da região, através de programas de troca-troca ou financiamentos/investimentos de bancos rurais, poderá gerar soluções que atenderiam aos problemas de baixa produtividade, agricultura de subsistência, ausência de controles financeiros de produção e mercado desconectado.

4.5.2.9 Desenvolver o Turismo Rural ou Ecológico

Como uma alternativa de retorno financeiro da propriedade rural e considerando as belezas naturais da região e sua proximidade com centros urbanos, o turismo é uma alternativa viável para solução, inclusive de itens como mercado consumidor desconectado.

4.5.2.10 Implantar a Agroindústria de laticínios e/ou demais atividades afins

Em função da força existente na produção de leite na região e considerando que o mesmo é vendido para uma empresa de outro município, uma das alternativas que emergiu da dissertação, como solução de vários dos problemas, foi o desenvolvimento de agroindústrias, agregando valor à produção atual da comunidade.

4.5.2.11 *Promover a Mudança da cultura para uma ação participativa pró-ativa*

Esta proposta é uma resposta específica ao item baixa motivação dos problemas, pois entender o processo de motivação humana auxiliará na abertura de novos espaços, espaços muitas vezes abertos às mudanças, motivação formada no caso de Boiteuxburgo pelo conhecimento gerado por outras ações, melhoria de qualidade de vida, e principalmente reconhecimento de seu potencial.

4.5.2.12 *Melhoria do processo de gestão controle financeiro*

Esta melhoria se dará através da formação e capacitação apresentadas; contudo há a necessidade de se focar na melhoria do processo de gestão e controle financeiro, apontado nos resultados deste estudo de caso como fator importante para o desenvolvimento.

4.5.2.13 *Comercialização de produtos e organizar cadeias produtivas sintonizadas no mercado local e externo*

É importante reforçar a idéia de que não basta termos ótima produtividade sem os devidos canais de comercialização, sem uma organização das cadeias produtivas e as devidas sintonias com os mercados local e externo. As produções da localidade hoje não apresentam uma organização e a visão de um todo; não há preocupação, até por falta de conhecimento, de uma cadeia produtiva, um sistema produtivo, através da capacitação, treinamento, acompanhamento, e outros itens, mas poderemos superar tal ponto.

Muitas ações nasceram de contatos realizados, como a proposta de criação de uma associação em prol do desenvolvimento de Boiteuxburgo já foi citada no trabalho de Rangel (2000), vemos que o desafio é justamente a continuidade.

Foi constatada a falta de cooperação entre os moradores locais, prevalecendo, infelizmente, a lei de “cada um por si e Deus por todos”, inexistindo ações junto à comunidade com troca de benefícios. O aspecto envolvimento deveria ser trabalhado entre os moradores locais, que nem se aproximam da associação já existente na região, conforme constatação das 75 famílias da localidade de Boiteuxburgo, apenas duas (2,67%), participam da Associação de Agricultores de Barra Negra, uma localidade vizinha e a única que dispõe de tal atividade.

Para a efetiva implementação das atividades aqui propostas, torna-se imprescindível a criação de um núcleo promotor de desenvolvimento da região de Boiteuxburgo, na forma de um Conselho de Desenvolvimento, por exemplo, como um lugar de diálogo para a construção do desenvolvimento, com participação de representantes de entidades ligadas à área. Sendo que a mesma deveria funcionar de forma autônoma, propositiva e integradora dos esforços dos segmentos da comunidade local.

Uma das funções deste núcleo estaria focada na necessidade de mudança de cultura e de postura, no sentido de gerar mais iniciativas da população e ações de definição para o desenvolvimento local, incluindo sua participação e poder de decisão nos processos a serem seguidos.

4.6 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Constatou-se, através da revisão de literatura, que na década de 70 o "homem do campo" representava 57,1% do total de moradores em Santa Catarina. Foi quando se iniciou o processo de urbanização, invertendo o quadro. No início dos anos 80, a população rural já representava apenas 40,6%. No ano 2000, apenas 21,3% dos catarinenses estavam no campo.

Essa realidade foi verificada na comunidade em estudo, onde se observa que, de 1991 para o ano de 2001, houve a diminuição de 665 para 225 moradores equivalendo a uma evasão de 66,02% da população do campo.

A falta de desenvolvimento local foi o fator que gerou essa situação. Verificou-se que a população da região tem consciência da inércia que persiste na comunidade por décadas. Porém, percebe-se que o local foi e está sendo vítima de um esquecimento pelos órgãos competentes, e pela falta de motivação e iniciativa das pessoas. Acredita-se que as ações sugeridas neste capítulo, que exigem o comprometimento dos moradores e dos poderes públicos, seriam focos de desenvolvimento gerando outras atividades, ou seja, uma cadeia de produção que se iniciaria lá no produtor e terminaria no consumidor final, criando uma teia auto sustentável de relações comerciais e econômicas para a região.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1 CONCLUSÕES

Santa Catarina possui o terceiro maior índice de êxodo rural do país. Na década de 70, cerca de 57,1% dos catarinenses viviam no meio rural, e no censo de 2000 havia apenas 21,3%. O IBGE apresenta a estatística alarmante de que, de 1996 a 2000, cerca de 174 mil pessoas deixaram o campo, ou seja, 13,3% da população catarinense.

Boiteuxburgo está muito além desta realidade, com base nos dados do IBGE e da Prefeitura Municipal de Major Gercino de 1999, houve um declínio de sua população de cerca de 56,39%, havendo uma diferença de 43,09% para a média catarinense. Isto é muito preocupante, uma vez que esta foi uma localidade devidamente planejada, até com pista de aviões em 1916.

Essa pequena localidade faz parte da região que mais produz grãos do município de Major Gercino, distante apenas 180 km da Capital, e apresenta uma realidade muito comum às demais fontes de êxodo rural: as famílias não são capazes de gerar a renda necessária para seu sustento. Em conseqüência, muitos jovens têm abandonado o meio rural atrás do sonho da vida na cidade, que por sua vez não tem condições estruturais para absorver essa mão de obra, terminando esta saga com o aumento da mão-de-obra barata e o fomento a subempregos, muitas vezes insalubres e ilegais, perdendo-se de vez a qualidade de vida e até mesmo as chances de sobrevivência no mínimo dignas.

Esse cenário, que se estende pelas pequenas localidades rurais de todo o Brasil, demonstra uma crise estrutural grave e clama por estudos-ações eficazes e efetivos de forma que combatam as ameaças à vida do homem no campo, tornando-os competitivos, produtivos, geradores de uma economia local sustentável e digna para si e seus familiares.

Dentro dessa realidade, a dissertação busca de forma técnica, contextualizar os objetivos: geral e específicos propostos, para que se possa fomentar o desenvolvimento da comunidade de Boiteuxburgo.

Foi apresentado, então, o conhecimento e análise de desenvolvimento em alguns de seus fatores como recursos financeiros, produção agropecuária, tecnologia, capacitação e orientação técnica, mercado consumidor, motivação e por fim formas de trabalho conjunto.

Nesta busca por mecanismos que mantenham os moradores em Boiteuxburgo, fazendo o que realmente sabem fazer, de forma sustentável, identificaram-se ações necessárias para o desenvolvimento sustentável.

Entretanto é importante ressaltar que estes resultados e experiências, visualizadas na fundamentação teórica, e identificadas junto aos moradores da região em pauta pode gerar propostas de ações adicionais.

As análises dos dados coletados através do diagnóstico local, aliadas ao questionário estruturado, aplicado na localidade de Boiteuxburgo, demonstram alguns fatos bastante curiosos: a) a média de renda da localidade está dentro da média encontrada pelo IBGE; b) a comunidade está inserida na região de maior produção do município. Esses fatos tornam-se curiosos quando se constata o altíssimo índice de êxodo rural da região. Isso deixa claro que falta algo à comunidade, o que pode ser traduzido num incentivo, ou talvez na qualidade de vida, tão almejada nos dias de hoje. Falta, na verdade, a fixação do jovem no campo, a paixão da juventude pelas atividades agropecuárias, a sua identificação com o meio onde vive, a recuperação dos valores antigos, perdidos e distorcidos pelo tempo, a valorização da cultura do campo e a busca de suas raízes.

Portanto, as ações apresentadas neste trabalho, só terão efetiva relação com uma realidade futura, se forem desenvolvidas tendo a comunidade como parceira. Já existem alguns agricultores bem sucedidos na região, na cultura do fumo, ou na criação de gado de leite; entretanto, somente a junção de todos os atores ou de sua maioria poderia gerar um pólo produtivo.

Algumas ações propostas contribuem fortemente para o desenvolvimento local, já que através delas será possível um crescimento racional, pois poderá ser analisada quantitativamente a evolução de alguns dos elementos existentes nas ações pré-estabelecidas.

É certo que qualquer tipo de ação a ser desenvolvida na região dependerá fortemente da formação de lideranças, sejam elas internas ou externas, ou seja, alguém que lhes aponte o caminho. Há uma certa limitação no desenvolvimento, uma falta de empreendedorismo e iniciativa, e um líder poderá estar à frente na adoção de ações corretivas, necessárias ao sucesso do trabalho implantado.

Quanto ao papel das políticas públicas relacionadas ao desenvolvimento da localidade, dentro das perspectivas das ações, delinea-se a necessidade da contínua melhoria da assistência técnica rural, aproximação das pessoas fortalecendo formas de associações e nível educacional dos agricultores, para que possam promover um desenvolvimento local.

Nesse conjunto, a criação de uma rede de contatos irá, sem dúvida, tirar Boiteuxburgo de seu isolamento, interagindo a localidade não apenas com Barra Negra, Galícia, Pinheiral, que são localidades muito próximas, mas com o resto do Município, do Estado, do País e porque não dizer, do mundo, visto que regiões vizinhas exportam gengibre para a Europa e Japão.

A implantação de uma Casa do Agricultor, ou de convênios para o desenvolvimento e disseminação de conhecimento, gera uma reformulação de valores, padrões sociais e culturais que certamente serão fatores indispensáveis ao entendimento do processo de reestruturação e desenvolvimento local.

Gerar ações para o desenvolvimento local fortalece ainda mais uma política pública focada em soluções generalizadas, buscando uma sociedade justa, não permitindo a formação de bolsões de pobreza junto às cidades grandes, fatores determinantes para criminalidade e os baixos níveis de vida humana. A importância destas ações estará diretamente relacionada à evolução negativa das periferias das cidades grandes.

As três grandes etapas de formulação desta dissertação (revisão bibliográfica, trabalho de campo e a formulação de ações), permitiram ao autor identificar algumas lacunas em relação à produção teórica sobre o tema. Os trabalhos revisados e citados neste estudo tratam, na sua maioria, da teoria do desenvolvimento e de fatores de processos de desenvolvimento. No entanto, a visão acadêmica dominante parte do princípio de que as ações de desenvolvimento devem atender às demandas de técnicos, estudiosos e formuladores de políticas.

Difícilmente são encontrados estudos que partem do princípio de que o desenvolvimento deve ser uma obra local, dos indivíduos e instituições que vivem num determinado território.

É preciso compreender melhor os fenômenos que orientam a participação das comunidades e criar novas ações capazes de potencializar os resultados do desenvolvimento local, contribuindo desta forma para o aprimoramento dos processos produtivos e para o aumento da capacidade dos indivíduos assumirem as responsabilidades com o todo de uma localidade e exercerem seus direitos.

5.2 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

A implementação e o acompanhamento das ações sugeridas, senão todas, pelo menos alguma de grande serventia à comunidade, tendo como base princípios de controle, como forma de obter subsídios confiáveis a cerca das ações teóricas apresentadas, sem dúvida alguma seriam fonte riquíssima de estudos e análises, gerando alguma boa dissertação e até mesmo uma tese.

Nesta pesquisa, optou-se pela descrição de algumas ações como um todo, baseadas em um diagnóstico anterior. No entanto, seria relevante um estudo mais aprofundado de alguns dos elementos com pesquisas mais específicas, objetivando dar continuidade a esta linha de pesquisa vinculada ao desenvolvimento regional, tornando-a ainda mais eficiente. Neste sentido, é de grande relevância o estudo de um sistema de informações competitivas elaboradas, do processo de

aprendizagem desenvolvido com os atores regionais, identificando cenários comerciais e produtivos.

Como última recomendação, cabe a sugestão de que no processo de desenvolvimento local descrito em um trabalho deste tipo, haja tempo e recurso essenciais ao acompanhamento do planejamento, da estruturação, e da formação de uma equipe necessária à implementação de um processo de desenvolvimento local, e que neste caminho se façam às observações e correções adequadas para se obter o sucesso. Ou seja, não apenas para propiciar desenvolvimento local, mas para se ter parâmetros de análises temporais, de um desenvolvimento local, registrando causas e quando acontecem as ações, em que momento começam a surgir as barreiras, quais as barreiras e benefícios relacionado a cada fato, relatando-os sem perder a veracidade, em função de um excesso de contextualização teórica.

REFERÊNCIAS

ABAG. Associação Brasileira de Agrobusiness. **Segurança Alimentar: uma abordagem de Agrobusiness**. São Paulo: Abag, 1993.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

BAZZO, W.A. **Ciência, Tecnologia e Sociedade: e o contexto da educação tecnológica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

BRAGA A. Marco. Êxodo rural em SC é o terceiro maior do País. **A Notícia**, Joinville, 28, abril 2002.

CALCAGNO, E. Evolución y actualidad de los estilos de desarrollo. **Revista de la CEPA**. nº 42, p. 55-67, 1990.

CARVALHO, Horacio Martins. **A participação e a organização consensuadas como uma das dimensões da cidadania**. Brasília, Projeto Áridas, GT VII – Integração com a sociedade, SEPLAN – PR. 1994.

CAVACO, C. Turismo rural e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (org.) **Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 94-121

COLARELLI, Stephen; MONTEI, Matthew. Some contextual influences on training utilization. *The Journal of Applied Behavioral Science*, v. 32, n. 3, p. 306-326, 1996.

CONTINI. Dinamismo do Agronegócio Brasileiro. Disponível em <http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=22&pg=5&n=5>. Acesso em 28 abr. 2004. COLARELLI

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA (FLORIANÓPOLIS). EPAGRI. Disponível em: <<http://www.epagri.rct-sc.br/epagri/index.jsp>>. Acesso em: 15 dez. 2004.

FERRARI, Célson. **Curso de Planejamento Municipal Integrado**. 3.ed. São Paulo: Pioneira, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, P. N. **Tecnologia e Gestão Empresarial Inovadora**. Disponível em: http://www.fia.com.br/pgtusp/publicacoes/arquivos_cyted/Cad33.PDF Acesso em: 08 junho 2004.

FLORIANI, L.C. Disponível em: [www.bndes.gov.br/conhecimento/ livro_debate/3-MicroPeqMediaEmp.pdf](http://www.bndes.gov.br/conhecimento/livro_debate/3-MicroPeqMediaEmp.pdf) Acesso em: 08 jun. 2004.

FRAZIS, Harley; GITTLEMAN, Maury; HERRIGAN, Michael; JOYCE, Mary. Results from the 1995 survey of employer-provided training. *Monthly Labor Review*, v. 121, n. 6, p. 3-13, 1998.

GAROFOLI, G. Economic development, organization of production and territory. **Revue d'Economie Industrielle**, n. 64, p. 22-37, 1993.

HERSEY, P. & BLANCHARD, K. **Psicologia para administradores**: a teoria da Liderança Situacional. São Paulo: EPU, 1986.

HERZBERG, Frederick, et al. **The Motivation to Work**. New York: John Wiley & Sons, 1964.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: www.ibge.net/cidadesat/default.php, Acesso em: 01 jun. 2002.

KLAES, L. S. **Cooperativismo e educação a distância**. Tese (Doutorado) - Engenharia de Produção - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MACIAN, L. M. **Treinamento e Desenvolvimento de Recursos Humanos**. São Paulo: EPU, 1997.

McGREGOR, D. **Motivação e liderança**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

MALVEZZI, S. Do taylorismo ao comportamento 90 anos de desenvolvimento de recursos humanos. In: BOOG, G. G. **Manual de treinamento e desenvolvimento ABTD**. São Paulo: MAKRON Books. 1994.

Manual de Orientação para Constituição de Cooperativas, Brasília: Organização das Cooperativas Brasileiras, 1999.

MASLOW, A. H. **Motivation and personality**. New York: Harper & Row, publishers, 1970.

MASUTTI, S. L. **Modelo para o Desenvolvimento Produtivo Planejado**: aplicação à região sudoeste do Paraná. 1998. Dissertação (Mestrado) - Engenharia de Produção, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 1998.

MAXIMINIANO, Antonio Cesar A. **Introdução à Administração**. São Paulo: Atlas, 2000.

MEISTER, Jeanne C. **Educação corporativa**. São Paulo : Makron do Brasil, 1999.

MICHAELIS: Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, c1998. 2259p.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOREIRA, Igor. **O Espaço Geográfico**. São Paulo: Ática, 1998.

OLINGER, Glauco. **Êxodo Rural**: Campo ou Cidade? Florianópolis: ACARESC, 1991.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1996.

PINTO L. **Agronegócio brasileiro e mercados globalizados**. Disponível em: <http://www.icepa.com.br/observatorio/noticias0904/no1704a.htm>. Acesso em: 13 out. de 2004.

PIRES, J. C., e REIS, J. G. 2004. O Setor Elétrico: A Reforma Inacabada. In GIAMBIAGI, F., REIS, J. G., e URANI, A. (orgs). **Reformas no Brasil**: Balanço e Agenda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

SOLA M. **Pesquisa detalhada sobre o perfil dos consumidores é a chave para a retenção de clientes**. Disponível em: http://sincomavi.org.br/artigo_sola.htm Acesso em: 30 jan. 2004.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio**. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Nobel, 1994.

PRADO, Darci. **Planejamento e controle de projeto**. Belo Horizonte: desenvolvimento Gerencial, 1998.

RANGEL, Sheila. **A contribuição do turismo para o desenvolvimento de pequenas localidades**. 2000. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000

RICHARDSON, Robert Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). **Turismo e ambiente**. Reflexões e propostas . São Paulo: Hucitec, 2002.

ROJAS, Alvaro L. **Desarrollo regional a través del estímulo a las empresas de pequeña dimensión: una respuesta para el diseño y puesta en práctica de programas de promoción**. Chile, 1995. Tese (Doutorado). Departamento de Ingeniería de Organización, Administración de Empresas y Estadística. Escuela Técnica Superior de Ingenieros Industriales. Chile, 1995

ROSA, C. Leandro. **Estrutura de sistemas agroindustriais: um estudo do segmento produtor de vinhos finos do Rio Grande do Sul**. 2001. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

SÁBATO, Jorge A.; BOTANA, Natalio. La ciencia y la tecnología en el desarrollo futuro de América Latina. In: Sábato, J.A. (comp.) **El pensamiento latinoamericano en la problemática cienciatecnológica-desarrollo**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1975.

SÁBATO, Jorge. **El comercio de tecnología**. Washington: OEA, 1972.

SALOMON, Jean-Jacques. **What is technology?** The issue of its origins and definitions: History and Technology. New York: Harwood Academic Publishers, 1984.

SEBRAE SP. Disponível em: <http://www.sebraesp.com.br/> . Acesso em: 28 de jun. 2004.

SCHERER-WARREN, Ilse. Abrindo os marcos teóricos para o entendimento das ações coletivas rurais. **Cadernos do CRH**, Salvador, n.28, p.59-79, 1998.

SCRAMIM, F. C. L.; BATALHA, M. O. Sistemas de Custeio para Firms Agroalimentares: o caso dos Laticínios e Empresas Processadoras de Soja no Brasil. **Revista Gestão & Produção**, São Carlos, v. 5, n. 2, ago. 1998.

TOCQUEVILLE, A.. **A democracia na América**. Belo Horizonte : Itatiaia, 1977.

TOLEDO, F. **Administração de pessoal**: desenvolvimento de recursos humanos. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 1989. 261 p.

TROSTER, R. L. **Introdução a economia**. São Paulo: Makron Books, 1999.

VALADARES, Jose Horta. **Capitalismo Cooperativismo e Modernização**. Viçosa: UFV, 1999.

VALADARES, Jose Horta. **Redes, uma abordagem antropológica**. Disponível em: www.sebrae.com.br/revistasebrae/07/artigodecapa_05.htm. Acesso em: 10 out. 2003.

ZYLBERSZTAJN. D. Políticas agrícolas e comércio mundial. "Agribusiness": conceito, dimensões e tendências. In: FAGUNDES. H. H. (org). **Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas**. Brasília: IPEA, 1994 (Estudos de Política Agrícola nº 28)

WEINBERG M. A renda engessa tudo. 2002 Disponível em: www.care.org.br/?pobreza_artigos11, Acesso em: 06 jul. 2004.

WEISS M.L.L. Psicopedagogia Institucional : controvérsias , possibilidades e limites, In: _____. **A práxis psicopedagógica brasileira**. São Paulo: ABPp, 1992.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão São Paulo - Rio de Janeiro.**, Campinas (SP), Editora da Unicamp 1992.

ADIZES, I. **Gerenciando as mudanças:** o poder da confiança e do respeito mútuos na vida pessoal, familiar, nos negócios e na sociedade. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

AGENDA 21, Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2. ed. Brasília: Senado Federal, 1997.

AZEVEDO, P. F. Comercialização de produtos agroindustriais. In: BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial.** São Paulo: Atlas, 1997. v.1

BANDEIRA, P.; **Participação, Articulação de Atores Social e Desenvolvimento Regional.** Texto para Discussão n. 630. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 1999.

BAVA, Silvio Caccia. Desenvolvimento Local. Geração de emprego e renda. **PÓLIS – Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais.** São Paulo, n.15. 1996.

BRÜGGEMANN, Fernando Maciel. **Recursos naturais, com potencial turístico, para o desenvolvimento local sustentável do município de Rancho Queimado no estado de Santa Catarina.** 180 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação de Engenharia Sanitária e Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001

CHIAVENATO, Idalberto. **Os novos paradigmas:** como as mudanças estão mexendo com as empresas. São Paulo: Atlas, 1996.

COMASSETTO, V. **Conselhos Municipais e democracia participativa sob o contexto do desenvolvimento sustentável na concepção dos prefeitos municipais.** Dissertação (Mestrado) Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

DELGADO; Guilherme da Costa. **Padrões de Desenvolvimento da Agricultura Brasileira no Pós-Guerra (1947-1988).** Recife, INCRA/ PNUD/ SUDENE 1989.

DENARDI, R. A.; HENDERICKX, E. M. G.J., CASTILHOS, D. S. B. de; BIANCHINI, V.; **Fatores que afetam o desenvolvimento local em pequenos municípios do Estado do Paraná.** Curitiba: Emater, 2000.

FARINA, E. M. M. Q., AZEVEDO, P. F. e SAES, M. S. M. **Competitividade: mercado, estado e organizações.** São Paulo: Singular, 1997. 286 p.

FERREIRA; Ademir Antonio. **Gestão Empresarial: De Taylor Aos Nossos Dias.** São Paulo: PIONEIRA, 2000.

GRAZIANO DA SILVA, J.; **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira.** 2. ed. Campinas: Instituto de Economia UNICAMP, 1999.

HADDAD, Paulo R. **A Competitividade do agronegócio e o desenvolvimento regional do Brasil.** Brasília(DF): CNPq, 1999.

JORDÁN, A.; ZPATA, T.; **Um Programa de Capacitação e Transferência de Metodologia para o Desenvolvimento Econômico Local.** Recife: Banco do Nordeste/PNUD, 1998. Série de Cadernos Técnicos n. 2

KAPLAN, Robert S. and NORTON, David P. **The strategy-focused organization: how balanced scorecard,** Harvard Business Schol Publishing, isbn 85-352-0709-0, USA, 2000;

LLORENS, F. A.; **Desenvolvimento econômico local: Caminhos e desafios para a construção de uma nova agenda política.** Rio de Janeiro: BNDES, 2001.

LOCH, Carlos. **A interpretação de imagens área, noções básicas e algumas aplicações nos campos profissionais.** 3. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 1993.

MAGALHÃES, R.; BITTENCOURT, G.; Projeto alternativo de desenvolvimento rural. In: CONTAG. **Programa de Formação de Dirigentes e Técnicos em Desenvolvimento Local Sustentável com base na Agricultura Familiar.** Brasília: MTb/Sefor/Codefat/Contag, 1997.

MINTZBERG H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Safári de estratégica.** Porto Alegre: Bookman, 2000.

MIRANDA, C.; GUIMARÃES NETO, L.; BUARQUE, S. C.; ARAÚJO, T. B. de; **Planejando o Desenvolvimento Sustentável: A experiência recente do Nordeste do Brasil.** Brasília: IICA, n.d.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Cidades Sustentáveis: subsídios para a elaboração da Agenda 21 brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis: Consórcio Parceria 21 IBAM-ISER-REDEH, 2000.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Ciência e tecnologia para desenvolvimento sustentável** - subsídios à elaboração da agenda 21 brasileira. IBAM/ISERREDEH, Brasília (DF), 2000;

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Infra-estrutura e integração regional** - subsídios à elaboração da agenda 21 brasileira. IBAM/ISER-REDEH, Brasília (DF), 2000;

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente: **Agenda 21 brasileira**, bases para discussão. Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional MMA/PNUD, Brasília (DF), 2000;

MORITZ, O. G de; **Gestão Empresarial: O Desafio Das Organizações Brasileiras No Século XXI**. Dissertação (Doutorado) - Engenharia de Produção - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

OLIVEIRA, D.P.R. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologia e práticas. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PIAZZA, W. F.; HÜBENER, L. M.; **Santa Catarina: História da Gente**. 3. ed. Rev. e ampl.. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

PORTER, M. E. **Vantagem competitiva**: criando e sustentando um desempenho superior. Rio de Janeiro: Campus, 1992. 512 p.

PRONAF/SC. **O Pronaf e a agricultura familiar catarinense**. Florianópolis: Alternativa Gráfica, 2002.

RIO + DEZ; Joanesburgo 2002: Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: < www.riomaisdez.com.br/riomaisdez.htm> Acesso em: 07 jun. 2002.

SAMPAIO, C. Brasil Bate Recorde na Expectativa de Vida: 71 Anos. **Jornal Saúde**, 2003. Disponível em: http://www.saudeemmovimento.com.br/reportagem/noticia_exibe.asp?cod_noticia=1274 > Acesso em 15/01/2006.

SEIFFERT, Nelson Frederico. **Uma contribuição ao processo de otimização do uso dos recursos ambientais em microbacias hidrográficas**. Tese (Doutorado) Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COOPERATIVISMO. **Orientação para Constituição de Cooperativas, conforme a nomenclatura do Sistema OCB.** 8. Ed. Brasília: SESCOOP, 2000.

SOUZA, R. et al. **A administração da fazenda.** São Paulo: Globo, 1992. 211 p.

STONER, James A.F., FREEMAN, R.E. **Administração.** Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1995.

TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios da administração científica.** São Paulo: Atlas, 1979.

VASCONCELOS, F. C., CYRINO, A. B. Vantagem competitiva: os modelos teóricos atuais e a convergência entre estratégia e a teoria organizacional. **Revista de Administração de Empresas.** v. 40, n. 4, p. 20-37. Out./Dez. 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Diagnóstico 1

1. Características dos Moradores

1.1 Descende do pai família:

- Brasileira
- Russa
- Alemã
- Outro

1.1.2. Descende da mãe da família:

- Brasileira
- Russa
- Alemã
- Outro

1.1.3. Fala:

- Inglês
- Russo
- Alemão
- Polonês

1.2. Sexo:

- Feminino
- Masculino

1.3. faixa Etária:

- 20 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- 51 a 60 anos
- Acima de 61 anos

1.4. Estado Civil:

- Solteiro
- Casado
- Viúvo
- Separado/Divorciado
- Outros _____

1.5. Sabe ler e escrever:

- Sim
- Não

1.6. Escolaridade:

- Analfabeto
- 1º grau incompleto

- 1º grau completo
- 2º grau incompleto
- 2º grau completo
- 3º grau incompleto
- 3º grau completo

1.7. Quantidade de filhos:

- 0
- 1 a 3
- 4 a 6
- 7 a 9
- Acima de 10

1.7.1. Faixa etária dos filhos:

- ___ 1 a 5 anos
- ___ 6 a 11 anos
- ___ 12 a 16 anos
- ___ 17 a 21 anos
- ___ Acima de 22 anos

1.8. Adultos residentes neste domicílio:

- ___ 20 a 30 anos
- ___ 31 a 40 anos
- ___ 41 a 50 anos
- ___ 51 a 60 anos
- ___ Acima de 61 anos

1.9. Renda Familiar(Salário Mínimo)

- 0
- 1
- 2 a 3
- 4 a 5
- Acima de 5

1.9.1. Origem da Renda:

- Pensão
- Atividade produtiva
- Outros _____

2. CARACTERÍSTICA DO DOMICÍLIO

2.1. Abastecimento de água utilizado neste domicílio:

- Rede Geral
- Poço ou Nascente
- Outros _____

2.2. Canalização de esgoto:

- Rede de esgoto
- Fossa
- Vala

- () Nascente/Rio/ Lago
 () Outros _____

2.3. O lixo deste Domicilio é:

- () Coletado por serviço de limpeza
 () Queimado
 () Enterrado
 () É jogado em terreno baldio
 () É jogado em rio ou lago
 () Outros _____

2.4. Abastecimento de energia elétrica:

- () Rede Geral - CELESC
 () Cooperativa de Eletrificação Rural
 () Gerador Comunitário
 () Gerador Próprio
 () Outros _____

2.5. Este domicilio é:

- () Próprio
 () Alugado
 () Cedido
 () Outro Condição _____

3. POTENCIALIDADES

3.1. Possui propriedade Rural?

- () sim
 () não

3.2. Qual tamanho?

_____ ha

3.2.1. Área em uso?

_____ ha

3.2.2. Área que ainda pode ser plantada:

_____ ha

3.3. Produz algum tipo de cultura (quantidade/mês)

<input type="checkbox"/>	Abóbora	Ton/ano	<input type="checkbox"/>	Amendoim	Ton/ano
<input type="checkbox"/>	Pêssego	Ton/ano	<input type="checkbox"/>	Ameixa	Ton/ano
<input type="checkbox"/>	Batata	Ton/ano	<input type="checkbox"/>	Gengibre	Ton/ano
<input type="checkbox"/>	Pêra	Ton/ano	<input type="checkbox"/>	Laranja	Ton/ano
<input type="checkbox"/>	Arroz	Ton/ano	<input type="checkbox"/>	Uva	Ton/ano
<input type="checkbox"/>	Feijão	Ton/ano	<input type="checkbox"/>	Milho	Ton/ano
<input type="checkbox"/>	Morango	Ton/ano	<input type="checkbox"/>		Ton/ano
<input type="checkbox"/>	Cebola	Ton/ano	<input type="checkbox"/>		Ton/ano
<input type="checkbox"/>	Fumo	Ton/ano	<input type="checkbox"/>		Ton/ano

3.4. Produz musse/geléia?

Não

Sim. Quais:

Pêra Ameixa Pêssego Outros _____

3.5. Possui criação de galinhas?

Não

Sim. _____ dúzias/mês.

3.6. Possui rebanho de bovinos?

Não

Sim. _____ cabeças.

3.6.1. Possui vacas leiteiras?

Não

Sim. _____ Cabeças _____ litros/mês.

3.6.2. Fabrica queijo?

Não

Sim. _____ Kg/mês.

3.7. Possui criação de porcos?

Não

Sim. _____ cabeças.

3.8. Possui Cavalos?

Não

Sim. _____ cabeças.

3.9. Faz algum tipo de trabalho artesanal com argila?

Não

Sim. Qual? _____ .

3.10. Pratica apicultura?

Não

Sim.

3.11. Pratica piscicultura?

Não

Sim.

3.12. Mantém alguma tradição cultural? Qual?

Dança

Musica

Coral

Cantada

Instrumento Musical _____

3.13 Fabrico bebidas:

- Vinhos
- Cachaça
- Outros _____

3.14 Prática Costura:

- Crochê
- Tricô
- Outros _____

3.15 Produção de madeira?

- Sim
- Não

3.16. Produção de lenha?

- Sim
- Não

3.17 sugestões de empreendimentos para Boiteuxburgo.

APÊNDICE B – Cadastro

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA COLÉGIO AGRÍCOLA DE CAMBORIÚ CADASTRO BOITEUXBURGO

NOME:

GRAU DE INSTRUÇÃO:	SEXO:	DATA NASCIMENTO
---------------------------	--------------	------------------------

DEPENDENTES	GRAU DE INSTRUÇÃO	DATA NASCIMENTO	SEXO

ÁREA TOTAL	
ÁREA PRÓPRIA	
ÁREA CONSTRUÍDA PARA MORADIA	
ÁREA CONSTRUÍDA PARA PRODUÇÃO	
ÁREA DE PLANTADA PARA SUBSISTÊNCIA	
ÁREA UTILIZADA P/ CRIAÇÕES P/ SUBSISTÊNCIA	
ÁREA CULTIVADA PARA COMERCIALIZAÇÃO	
ÁREA UTILIZADA P/ CRIAÇÕES P/ COMERCIO	
Nº DE TRABALHADORES NA PROPRIEDADE	
Nº DE FAMILIARES QUE TRABALHAM NA PROPRIEDADE	

TIPO DE CRIAÇÕES DA PROPRIEDADE	QUANTIDADE PRODUZIDA PARA SUBSISTÊNCIA	QUANTIDADE PRODUZIDA P/ COMERCIALIZAÇÃO

TIPO DE CULTIVARES DA PROPRIEDADE	QUANTIDADE PRODUZIDA PARA SUBSISTÊNCIA	QUANTIDADE PRODUZIDA P/ COMERCIALIZAÇÃO

APÊNDICE C - Questionário aplicado

PORQUE OS PROPRIETÁRIOS RURAIS NÃO PRODUZEM OU PRODUZEM POUCO?

Falta de recursos financeiros?

Falta de conhecimento?

Falta de conhecimento de processos de trabalho?

Falta de conhecimento específico de insumos, sementes, mudas, adubo e máquinas?

Falta de equipamentos adequados?

Falta de área para plantar?

Falta de infra-estrutura?

Dificuldade de irrigação?

Falta de Orientação Técnica, Treinamentos e capacitações necessárias?

Falta de Mão de Obra adequada?

Falta de Conhecimento do Mercado?

Falta de uma Visão de Gestão?

Dificuldade para o transporte de sua produção?

Indique outros Motivos?

Conhece cooperativismo? Sim () Não ()

Já pensou em ser associado a uma cooperativa? Sim ()

Não ()

Qual o produto que poderíamos produzir Facilmente em sua região?

.....

APÊNDICE D - Listagem dos chefes de família de Boiteuxburgo

Nome do morador	Escolaridade	Nascimento
1. Joelcio Schlemper	5ª serie	21/01/56
2. Marcílio Felisbino Filho	Analfabeto	04/11/70
3. Nelson Arnaldo	4ª serie	14/08/43
4. Neozi Motta	4ª serie	08/08/71
5. Valdemiro Adalberto Knaul	2ª serie	10/06/51
6. Adilson Leal	3ª serie	21/09/71
7. Atilio Ketzendorff	7ª serie	25/01/52
8. Nelson Bratfisch	analfabeto	01/01/55
9. Iuzia Beppler Schlemper	1 grau	01/01/55
10. Otilia Scheffer Knaul	analfabeta	01/01/55
11. Valério Goettmam	1 grau	01/01/65
12. Rosa Miler Filipus	1 grau	01/01/45
13. Ursula Benzi	1 grau	01/01/45
14. Maike K. da Silva	1 grau completo	01/01/75
15. Asta Kertzendorff	1 grau inc.	20/12/51
16. Nauro Arnolda	1 grau completo	01/01/65
17. Oldina Mariana Scheidt Arnoldo	1 grau inc.	01/01/45
18. Clara Pauli Scheffer	Analfabeta	01/01/35
19. Isolete Schlemper	1 grau inc.	01/01/75
20. Anelina A. W. Felisbino	1 grau inc.	24/07/73
21. Valmor Theisges	4ª serie	14/05/74
22. Raulino Knaul	3ª serie	29/03/53
23. Fabio Knaul	4ª serie	30/11/79
24. Valério Goettmam	4ª serie	06/03/61
25. Ivo Lutz	4ª serie	02/11/62
26. Dalvino Camaco	4ª serie	17/09/60

27. Moacir Felisbino	4ª serie	06/10/75
28. Macílio Felisbino	Analfabeto	02/11/36
29. Ivo Albero Knaul	4ª serie	09/04/47
30. Valdeci Inácio Will	7ª serie	17/10/75
31. Floriano Francisco Schutell	analfabeto	06/08/21
32. Alzemiro Lutz	4ª serie	01/01/69
33. Alfredo Pedro Lutz	analfabeto	02/05/25
34. Clara Kuhmer Jasper	1ª serie	16/02/13
35. Valcir José Michalski	analfabeto	19/02/66
36. Irma Dul Kriger	4ª serie	16/03/27
37. Fernando Otto	5ª serie	23/03/79
38. Emílio Mariam	2ª serie	22/11/51
39. Ivo Scheffer	4ª serie	13/07/61
40. Anelor Eger	4ª serie	12/07/61
41. Antônio Matias Hank	analfabeto	11/05/45
42. Dilsom Scheit	Ensino fundamental	22/03/63
43. Ivo Arnaldo	3ª serie	12/03/55
44. Valmir Antônio de Souza	4ª serie	26/01/61
45. Adolfo Alberto Knaul	2ª serie	30/10/44
46. Paulo Frederico Scheidt	3ª serie	05/10/63
47. Helmuth Eger	3ª serie	12/10/38
48. Liberto Boudort	analfabeto	06/02/43
49. Até Knaul	3ª serie	22/11/68
50. Eduardo Arnaldo	analfabeto	24/07/23
51. José Antônio Coelho	analfabeto	19/03/45
52. Lindolfo Eger	2ª serie	02/08/37
53. Valder Scheff	analfabeto	13/02/53
54. Arni Hamm	4ª serie	23/04/68
55. Wandelino Theisges	analfabeto	19/07/45
56. Janei Piotrowiski	4ª serie	23/08/76
57. Agibio José Otto	4ª serie	04/01/57

58. Santino Manoel Leal	3ª serie	01/08/45
59. Orli Francisco Tholl	3ª serie	10/11/68
60. Rogério Jasper	4ª serie	14/01/40
61. Luzia Nilva Lutz	2ª serie	25/12/57
62. João Eger Filho	3ª serie	16/05/42
63. Milton Schlemper	4ª serie	29/06/78
64. Oscar Germeno Diel	4ª serie	23/02/50
65. Inácio Zaitz	3ª serie	02/11/70
66. Alício Zaitz	4ª serie	20/04/75
67. Rainoldo Peotrowiski	4ª serie	26/10/41
68. Antônio Otto	4ª serie	17/09/33
69. Nilo Antônio Otto	1 grau	01/01/55

APÊNDICE E - Listagem dos familiares

Código	Nome	Nasciment	Escolaridade	Ma	Fem
3	Luzia B. Schlemper	16/05/56	4ª serie		Sim
4	Miriane Schlemper	20/08/91	5ª serie		Sim
5	Anelina W. Felisbino	24/07/73	7ª serie		Sim
6	Eduardo Felisbino	06/04/91	3ª serie	Sim	
7	Ricardo Felisbino	22/03/93	2ª serie	Sim	
8	Romário Felisbino	12/04/94	1ª serie	Sim	
9	Jaqueline Felisbino	02/05/96	Pré-escola		Sim
10	Janice Felisbino	28/08/98	---		Sim
11	Oldina M. S. Arnoldo	22/08/49	4ª serie		Sim
12	Joice Arnoldo	27/06/85	Ensino Médio		Sim
13	Isolete S. Motta	31/07/74	6ª serie		Sim
14	Cristiane Motta	24/01/97	Pré-escola		Sim
15	Otília S. Knaul	14/09/54	Analfabeta		Sim
16	Marcos Knaul	20/03/81	-	Sim	
17	Marcio Knaul	20/03/81	4ª serie	Sim	
18	Mario Knaul	07/01/95	Pré-escola	Sim	
19	Silvana da Silva Leal	17/11/74	Analfabeta		Sim
20	Ana Claudia Leal	04/08/94	1ª serie		Sim
21	Rudinei Leal	03/09/98	--	Sim	
22	Asta Ketzendorff	20/12/51	3ª serie		Sim
23	Marcio Ketzendorff	19/03/84	4ª serie	Sim	
24	Marcílio Ketzendorff	06/03/84	Ensino Médio	Sim	
25	Carla Maria S. Theisges	19/08/89	3ª serie		Sim
26	Elviria Arnoldo Knaul	15/10/54	3ª serie		Sim
27	Aleic Knaul	05/03/83	4ª serie	Sim	
28	Camila Kanul	20/02/90	4ª serie		Sim
29	Geovana Rubik	22/03/78	Analfabeta		Sim
30	Ivone Scheffer	03/07/61	4ª serie		Sim
31	Terezinha Alexandre	24/04/61	4ª serie		Sim
32	Lidiane Alexandre	24/02/86	7ª serie		Sim
33	Lígia Lenita Lutz	09/06/94	2ª serie		Sim
34	Lindains A. Lutz	10/09/95	1ª serie		Sim
35	Almerinda k. Camaco	26/12/61	3ª serie		Sim
36	Romerito Camaco	12/11/84	4ª serie	Sim	
37	Eliane Camaco	14/01/89	4ª serie		Sim
38	Eliete Camaco	01/02/90	4ª serie		Sim
39	Rodrigo Camaco	01/04/92	3ª serie	Sim	
40	Robson Camaco	21/05/93	2ª serie	Sim	
41	Ronaldo Camaco	24/12/00	--	Sim	
42	Roni Camaco	08/09/99	--	Sim	
43	Vivine Krichnsti	10/02/85	6ª serie	Sim	
44	Alma V. Felisbino	02/11/40	Analfabeto		Sim
45	João Paulo Felisbino	18/11/80	Analfabeto	Sim	
46	Judite P. S. Knaul	02/07/49	4ª serie		Sim
47	Juliana Maria Norte	01/10/80	5ª serie		Sim
48	Jacira Tainarom Will	27/11/96	Pré-escola		Sim
49	Jeferson Will	01/01/99		Sim	

50	Antenor Schutell	06/08/58	2ª serie	Sim	
51	Adelha Leal	10/10/75	4ª serie		Sim
52	Savio Lutz	12/02/96	Pré-escolar	Sim	
53	Pablo Lutz	26/01/98	--	Sim	
54	Antônio Lutz	03/10/72	4ª serie	Sim	
55	Bernadede Jasper	17/01/52	4ª serie		Sim
56	Marcelene Knaul Michalski	10/08/66	4ª serie		Sim
57	Letícia Michalski	29/12/94	1ª serie		Sim
58	Narcízio Michalski	01/03/96	Pré-escola	Sim	
59	Leandro Michalki	10/10/98	--	Sim	
60	Marcelene B. Otto	22/07/77	4ª serie		Sim
61	Taimara Otto	10/04/98	Pré-escola		Sim
62	Zelda da Silva Maria	18/09/59	Analfabeta		Sim
63	Osni Mariam	28/07/77	2ª serie	Sim	
64	Osmar Mariam	10/06/82	3ª serie	Sim	
65	Oscar Mariam	03/01/85	4ª serie	Sim	
66	Solange Mariam	23/09/89	4ª serie		Sim
67	Solene Mariam	17/12/93	2ª serie		Sim
68	Sabrina Mariam	02/06/97	--		Sim
69	Angelita A. H. Scheffer	01/12/73	4ª serie		Sim
70	Marcelo Scheffer	20/06/99	--	Sim	
71	Clara Pauli Scheffer	18/08/21	Analfabeta		Sim
72	Marta A. Eger	04/06/63	4ª serie		Sim
73	Alício Eger	02/07/89	--	Sim	
74	Elizabete Eger	13/06/93	2ª serie		Sim
75	Elvira H. Hank	06/01/45	Analfabeto		Sim
76	Magno Hank	18/07/87	Ensino	Sim	
77	Soeli H. Scheit	27/04/63	4ª serie		Sim
78	Carlos Scheit	07/02/86	Ensino médio	Sim	
79	Ana Paula Scheit	23/10/88	Ensino		Sim
80	Solange Arnaldo	05/03/55	3ª serie		Sim
81	Ivonei	17/04/76	Ensino	Sim	
82	Andre Arnaldo	22/01/82	2ª serie	Sim	
83	Gelson Arnaldo	26/11/94	2ª serie	Sim	
84	Gessica Arnaldo	19/10/94	1ª serie		Sim
85	Nair Aquer de Souza	02/02/70	4ª serie		Sim
86	Valmir de Souza Júnior	23/05/87	Ensino	Sim	
87	Geam Carlos de Souza	23/04/95	Pré-escolar	Sim	
88	Carlos Daniel de Souza	01/04/00	--	Sim	
89	Erica Ilma A. Knaul	02/09/43	3ª serie		Sim
90	Elso Knaul	12/07/72	4ª serie	Sim	
91	Elvim Knaul	28/06/75	4ª serie	Sim	
92	Edom Knaul	25/11/76	4ª serie	Sim	
93	Oldina C. Scheidt	03/06/62	3ª serie		Sim
94	Paulo Scheidt Filho	16/04/72	Ensino médio	Sim	
95	Odília Diel Eger	26/07/37	4ª serie		Sim
96	Marliene Eger	19/03/76	Ensino		Sim
97	Hedvig M. B. Boudort	30/12/46	3ª serie		Sim
98	Adilson Boudort	25/03/80	4ª serie	Sim	
99	Lené A Knaul	09/11/72	Analfabeto		Sim
100	Franciele	07/02/91	4ª serie		Sim

101	Helma Eger Arnolde	03/02/36	Analfabeta		Sim
102	Hebert Arnolde	02/02/63	4ª serie	Sim	
103	Altina H. Coelho	03/02/50	Analfabeta		Sim
104	Altair Coelho	21/04/50	3ª serie	Sim	
105	Marlete Coelho	29/04/72	4ª serie		Sim
106	Andreia Coelho	26/10/81	Ensino médio		Sim
107	Adriano Coelho	09/09/87	Ensino	Sim	
108	Alexandre Coelho	07/04/97	Pré-escola	Sim	
109	Alexandro Coelho	30/01/98	Pré-escola		Sim
110	Atair Eger	06/08/70	4ª serie	Sim	
111	Anezio Eger	20/01/76	4ª serie	Sim	
112	Maria B. Teiger Scheff	11/09/59	Analfabeta		Sim
113	Valdeci Sheff	14/03/80	Ensino médio	Sim	
114	Marlene Sheff	29/06/84	Ensino	Sim	
115	Marince Scheff	09/12/94	1ª serie		Sim
116	Albertina Hamm	21/10/69	4ª serie		Sim
117	Claudia Hamm	06/09/90	Ensino		Sim
118	Amanda Hamm	06/07/95	Pré-escolar		Sim
119	Isamara Hamm	18/08/96	Pré-escolar		Sim
120	Nilva S. Theisges	20/11/46	Analfabeta		Sim
121	Wenazio Theisges	29/07/85	Emsino médio	Sim	
122	Angela F. Piotrowishi	15/07/79	Ensino		Sim
123	Lariane Piotrowiski	04/09/00	--		Sim
124	Rodrigo Otto	12/01/82	2 grau	Sim	
125	Adelitra Otto	09/01/87	8 serie		Sim
126	Mariani Otto	23/05/91	4ª serie		Sim
127	Odete de S. Otto	10/03/61	4ª serie		Sim
128	Felomena K. Leal	30/11/46	Analfabeta		Sim
129	Jair Leal	01/12/73	4ª serie	Sim	
130	Adézio Leal	27/01/79	3ª serie	Sim	
131	Eleber Leal	09/08/86	Ensino	Sim	
132	Alécio Leal	11/09/89	4ª serie	Sim	
133	Vilma Knaul Tholl	16/08/71	4ª serie		Sim
134	Bianca Maria Tholl	14/11/94	2ª serie		Sim
135	Lucas Leonardo Tholl	13/12/25	1ª serie	Sim	
136	Narma Kraus Jasper	25/05/40	3ª serie		Sim
137	Aldo Jasper	22/12/79	5ª serie	Sim	
138	Erculano Lutz	20/12/92	3ª serie	Sim	
139	Ilma Pauli Eger	11/08/36	3 sewrie		Sim
140	Edla Regina Eger	17/05/81	Ensino médio		Sim
141	Magali B. Schlemper	21/01/75	4ª serie		Sim
142	João Victor Schlemper	15/12/00	--	Sim	
143	Cecília Knaul Diel	25/03/54	4ª serie		Sim
144	Ingo Diel	01/07/84	Ensino	Sim	
145	Silvio Diel	26/08/78	Ensino	Sim	
146	Laena Diel	05/05/79	Ensino		Sim
147	Maicon Diel	27/04/84	Ensino	Sim	
148	Luciane B. Zaitz	09/04/80	4ª serie		Sim
149	Claiton	05/05/98	--	Sim	
150	Marlene B. Zaitz	23/05/72	Analfabeta		Sim
151	Alene Zaitz	13/01/96	Pré-escolar		Sim

152	Bertolina W. Peotrowiski	05/10/50	Analfabeta		Sim
153	Janilce Peotrowiki	22/02/83	Ensino médio		Sim
154	Janilso Peotrowiski	09/12/87	2ª serie	Sim	
155	Jaqueline Peotrowiski	23/08/89	Ensino		Sim
156	Jacson Peotrowiski	08/10/91	3ª serie	Sim	
157	Florentina Kraus Otto	09/01/35	4ª serie		Sim

APÊNDICE F - Definição da área de cada família

Nome do morador	Área total	Área própria
1. Joelcio Schlemper	3	Alugada
2. Marcílio Felisbino Filho	6	Alugada
3. Nelson Arnoldo	136	Sim
4. Neozi Motta	1	Cedido
5. Valdemiro Adalberto Knaul	25	Alugada
6. Adilson Leal	0	Cedida
7. Atílio Ketzendorff	0	Sim
8. Nelson Bratfisch	60	Não especificado
9. Iuzia Beppler Schlemper	0	Não
10. Otilia Scheffer Knaul	0	Não
11. Valério Goettmam	75	Não especificado
12. Rosa Miler Filipus	0	Não especificado
13. Ursula Benzi	0	não
14. Maike K. da Silva	0	não
15. Asta Kertzendorff	0	não
16. Nauro Arnolda	0	não
17. Oldina Mariana Scheidt Arnoldo	100	sim
18. Clara Pauli Scheffer	27	sim
19. Isolete Schlemper	0	Não especificado
20. Anelina A. W. Felisbino	0	não
21. Valmor Theisges	6	não
22. Raulino Knaul	29	sim
23. Fabio Knaul	0	do pai
24. Valério Goettmam	75	cedida
25. Ivo Lutz	4	Alugada
26. Dalvino Camaco	15	alugada
27. Moacir Felisbino	3	alugada
28. Macílio Felisbino	5	alugada

29. Ivo Albero Knaul	27	sim
30. Valdeci Inácio Will	4	alugado
31. Floriano Francisco Schutell	1	sim
32. Alzemiro Lutz	2	cedido
33. Alfredo Pedro Lutz	1	sim
34. Clara Kuhmer Jasper	97	sim
35. Valcir José Michalski	0	cedida
36. Irma Dul Kriger	25	sim
37. Fernando Otto	4	cedido
38. Emílio Mariam	25	sim
39. Ivo Scheffer	13	sim
40. Anelcor Eger	46	sim
41. Antônio Matias Hank	0	mãp
42. Dilsom Scheit	3	não
43. Ivo Arnoldo	50	sim
44. Valmir Antônio de Souza	0	não
45. Adolfo Alberto Knaul	27	sim
46. Paulo Frederico Scheidt	67	sim

A unidade de medida usada para representar a área é Hectare

Area total 1961 hectares

APÊNDICE G - Fonte de renda

Nome do morador	Origem da renda
Joelcio Schlemper	Não especificado
Marcílio Felisbino Filho	Não especificado
Nelson Arnaldo	Não especificado
Neози Motta	Não especificado
Valdemiro Adalberto Knaul	Não especificado
Adilson Leal	Empregado
Atílio Ketzendorff	Não especificado
Nelson Bratfisch	Atividade produtiva
Iuzia Beppler Schlemper	Pensão, Atividade, Prefeitura
Otilia Scheffer Knaul	Atividade produtiva
Valério Goettmam	Pensão, Atividade produtiva
Rosa Miler Filipus	Pensão, Atividade produtiva
Ursula Benzi	Pensão
Maike K. da Silva	Caminhoneiro
Asta Kertzendorff	Caminhoneiro
Nauro Arnolda	Carpinteiro
Oldina Mariana Scheidt Arnaldo	Veterinário, atividade produtiva
Clara Pauli Scheffer	Pensão, atividade produtiva
Isolete Schlemper	empregada da prefeitura
Anelina A. W. Felisbino	Atividade produtiva
Valmor Theisges	Atividade produtiva
Raulino Knaul	Atividade produtiva
Fabio Knaul	Não especificado
Valério Goettmam	Atividade produtiva
Ivo Lutz	Atividade produtiva
Dalvino Camaco	Atividade produtiva
Moacir Felisbino	Atividade produtiva
Macílio Felisbino	Atividade produtiva
Ivo Albero Knaul	Pensão
Valdeci Inácio Will	Atividade produtiva
Floriano Francisco Schutell	Pensão
Alzemiro Lutz	Atividade produtiva
Alfredo Pedro Lutz	Pensão, caminheiro
Clara Kuhmer Jasper	Pensão, Atividade produtiva

Valcir José Michalski	Empregado
Irma Dul Kriger	Pensão, atividade produtiva
Fernado Otto	Atividade produtiva
Emílio Mariam	Atividade produtiva
Ivo Scheffer	Pensão, atividade produtiva
Anelcor Eger	Atividade produtiva
Antônio Matias Hank	Atividade produtiva
Dilsom Scheit	Camioneiro
Ivo Arnaldo	Atividade produtiva
Valmir Antônio de Souza	Atividade produtiva
Adolfo Alberto Knaul	Pensão, Atividade produtiva.
Paulo Frederico Scheidt	Pensão, atividade produtiva

APÊNDICE H - Produção agropecuária

Nº	Caracteriz	Número de Famílias
1.	Angulista	6
2.	Apicultura	3
3.	Aves	1
4.	Bovino	24
5.	Bovinos	21
6.	Carneiro	2
7.	Cavalo	21
8.	Cavalos	1
9.	Equinos	1
10.	Galinha	34
11.	Galinhas	10
12.	Ganso	1
13.	Ganso	5
14.	leite	1
15.	Marreco	5
16.	Pata	1
17.	Pato	10
18.	Patos	1
19.	Peixe	2
20.	Piscicultur	9
21.	Porco	1
22.	Suino	8
23.	Suíno	5
24.	Suinos	20
25.	Suínos	8

ANEXOS

ANEXO A - Casa familiar rural

**MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
SECRETARIA DA AGRICULTURA FAMILIAR
PROGRAMA NACIONAL DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR – PRONAF**

Casa Familiar Rural

Aprendendo com a realidade

HISTÓRICO

As Casas Familiares Rurais (CFR) tiveram origem na França em 1937, por iniciativa de um grupo de famílias do meio rural, propondo a adoção de uma formação profissional aliada à educação humana para seus filhos. Nascia, assim, a Casa Familiar Rural, com a estrutura da Pedagogia da Alternância.

Hoje, a Casa Familiar Rural expandiu-se para os cinco continentes, em trinta países, com a mesma concepção - responsabilidade e engrossamento das famílias na formação dos jovens, no sentido de provocar o desenvolvimento global do meio.

No Sul do Brasil, o processo de implantação das Casas Familiares Rurais teve início no Paraná, em 1987, nos municípios de Barracão e Santo Antônio do Sudoeste, com discussão dos agricultores e envolvimento das comunidades.

Já em 1991, as Casas Familiares Rurais estavam sendo implantadas nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e desenvolveram-se, também, nos outros Estados do Brasil, sobre a coordenação das Associações Regionais das CFR (ARCAFAR) hoje organiza-se em Confederação Nacional (CONACAFARB)

Em 1998, as Casas Familiares Rurais integram-se às ações, em nível federal, do **Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF**, possibilitando o crescimento de unidades implantadas no País. Os princípios do PRONAF são convergentes com os adotados pelas CFR, facilitando assim o acesso à profissionalização dos jovens e de suas famílias, e contribuindo com o aumento de ocupações produtivas e da renda no meio rural.

OBJETIVOS das Casas Familiares Rurais

-Oferecer aos jovens rurais uma formação integral, adequada a sua realidade, que lhes permitam atuar, no futuro, como um profissional no meio rural, além de se tornarem homens e mulheres em condições de exercerem plenamente a cidadania.

-Melhorar a qualidade de vida dos produtores, dos rurais, através da aplicação de conhecimentos técnicos-científicos organizados a partir dos conhecimentos familiares, e através da pedagogia da alternância os jovens acima de 14 anos com 4ª série, 1º ou 2º Grau nos três anos de curso recebem um diploma de formação profissional e o 1º Grau, para os que não têm.

-Fomentar no jovem rural o sentido de comunidade, vivência grupal e desenvolvimento do espírito associativo, e desenvolver a consciência de que é possível, através de técnicas de produção adequadas, de transformação de comercialização, viabilizar uma agricultura sustentável, sem agressão e prejuízos ao meio ambiente.

-Desenvolver práticas capazes de organizar melhor as ações de saúde de nutrição e cultural das comunidades.

FUNCIONAMENTO E METODOLOGIA

A duração das atividades na CFR é de três anos, em regime de internato, com a adoção do método de alternância onde os jovens passam:

---> duas semanas na propriedade, no meio profissional rural, e

---> uma semana na Casa Familiar Rural

Durante as duas semanas na propriedade ou no meio profissional, o jovem realiza um **Plano de Estudo**, discute sua realidade com a família, com os profissionais e provoca reflexões, planejam soluções e realiza experiências na sua realidade, disseminando assim novas técnicas nas comunidades.

E durante a semana na Casa Familiar Rural, os jovens **colocam em comum** com ajuda dos monitores os problemas as situações levantadas na realidade, buscam novos conhecimentos para compreender e explicar os fenômenos científicos.

Através os **cursos** profissionais com **fichas pedagógicas** que fazem parte da Pedagogia da Alternância são integradas a formação geral (interdisciplinaridade), a educação social e humana, e o desenvolvimento do espírito de trabalho em grupo.

Assim a Pedagogia da Alternância, baseada na realidade profissional dos jovens, é a forma de vinculação do conhecimento teórico e prático, ou seja " **aprender a aprender** ".

Uma equipe de monitores, ligados as áreas de Ciências Agrárias e Economia Doméstica, entre outras, são responsáveis pela organização, pela dinamização das atividades docentes, e pela elaboração, em conjunto com os pais da Associação da CFR e Órgãos, de um **Plano de Formação** , sempre respeitando o calendário agrícola local.

Os monitores têm apoio e assessoramento técnico e pedagógicos das entidades locais e estaduais. Os monitores acompanham o trabalho, o **projeto pessoal** de cada jovem e particularmente, através das **visitas nas famílias** durante os períodos de alternâncias.

Existe, algumas Escolas Famílias Agrícolas que realizam formação com alternância.

ADMINISTRAÇÃO E MANUTENÇÃO

A Casa Familiar Rural é administrada por uma **Associação** formada pelas famílias, pais de jovens que freqüentam a CFR principalmente. O **Conselho de Administração** eleito pela Assembléia Geral represente as comunidades.

A associação organiza a **pesquisa participativa** nas comunidades, para escolher os **Temas** para poder elaborar com os monitores o **Plano de Formação** .

A associação mantém a CFR, através de um sistema de parceria, com o apoio dos **órgãos públicos e privados** do município e do estado. Cada família de jovem contribui, trazendo o que produz em sua propriedade, para sua própria alimentação na semana na CFR. Os Órgãos locais, Prefeituras e instituições diversas, apoiam o funcionamento. As Secretarias da Educação e da Agricultura, principalmente, apoiam financeiramente e tecnicamente, dependendo dos Estados.

A Associação regional, **ARCAFAR** , organiza o apoio no que se refere à Pedagogia da Alternância capacitando os monitores e os responsáveis das associações.

A ARCAFAR de cada região tem a função de representar e de assessorar a implantação das CFR, nos diversos estados, a fim de que as comunidades assumam a decisão consciente e participativa de criar a CFR e minimizando o oportunismo e influências diversas.

RESULTADOS

A formação profissional dos jovens de 14 a mais de 25 anos é organizada pelas CFR na maioria dos estados desde 1988. Os adultos são fortemente envolvidos através da formação dos jovens.

- **As 83 CFR que estão em funcionamento e mais de 257 associações se** preparam para outras criações de CFR com apoio do PRONAF e outras instituições.
- **Duas Casas Familiares do Mar já funcionam em Santa Catarina nos municípios de São Francisco do Sul a mais antiga e Laguna que abriu recentemente**

O Plano de Formação é elaborado a partir da realidade das famílias pesqueiras. Seja a maricultura, os recursos marinhos, tecnologias de pesca, navegação, oceanografia, ambientes costeiros, turismo.

Na casa familiar do Mar diversos municípios participam com 3 grupos de 25 jovens e pouco a pouco todas as famílias estão envolvidas.

Muitos estados estão com vontade de desenvolver as Casas Familiares do Mar

- Para responder a demanda das famílias as Casas Familiares Rurais estão desenvolvendo a profissionalização pelos setores não agrícolas como a pesca já contemplada e com a **formação de pedreiros, marceneiros, mecânicos, hotelaria, turismo etc.. em função da demanda local**
- O impacto de todas as CFR é importante, considerando que cada jovem, envolve sua família e 10 famílias vizinhas, seja 40 pessoas, cada CFR reagrupando de 60 a 80 jovens soma **3000 pessoas envolvidas por CFR**. Atualmente as 83 CFR **representem 250 000 pessoas envolvidas diretamente ou indiretamente.**
- **Com as novas CFR, a médio prazo, serão 952 000 pessoas envolvidas.**
- Os resultados da profissionalização aparecem, através dos **projetos** que os jovens realizam durante as alternâncias, nas suas propriedades juntos com suas famílias.
- **Os resultados, na área técnica, são progressivos, principalmente no melhoramento da produção**, com ênfase na diversificação desta produção nas propriedades e em particular, nos assentamentos.
- Muitos jovens envolvem-se na **transformação dos produtos e na comercialização**. A maioria dessas atividades vem sendo feitas em grupos de forma associativa ou em pequenas cooperativas.
- Os resultados sociais vêm sendo alcançados com o desenvolvimento das qualidades mais solidárias do jovem, trazendo uma sensível melhoria nas relações com as famílias, com amigos e com as comunidades de que fazem parte.
- Os jovens das Casas Familiares Rurais desenvolvem a consciência crítica, a capacidade de entender melhor o mundo que o cerca, e passa a ser mais atuante dentro de sua família e das comunidades que vive.

DESAFIOS PARA O FUTURO

Despertar as entidades, em todos os níveis, para a importância e a seriedade do Projeto Casa Familiar Rural, envolvendo-os, no sentido de conseguir apoio para:

- Conscientizar os agricultores que para ser profissional do futuro é preciso ter uma formação.
- Investir na capacitação dos recursos humanos (associações e monitores) e ter reconhecimento da pedagogia.
- Criar condições de trabalho com a construção de prédio, equipamentos didáticos, bibliotecas entre outros, abertos a todo, adequados às Casas Familiares Rurais.
- Estimular a utilização do crédito para que os agricultores desenvolvam seus projetos de melhoria da produção através da agroindustrialização e a comercialização.

Avaliar e registrar constantemente os resultados obtidos, fazendo um trabalho de divulgação com objetivo de esclarecer as necessidades locais considerando o desenvolvimento sustentável da região de atuação, preservando o meio ambiente.

CASA FAMILIAR RURAL								
Profissões agrícolas					<i>Profissões não agrícolas</i>			
Nível 1								
Ano 1	Agricultura	Horticultura	Floresta	Floricultura	Pesca	Turismo	Mecânico	Pedreiro
14 anos								
Ano 2	Agropecuário	Fruticultura	Viticultura	Outras	Aquacultura	Artesanato	Mecanização	Serviços
15 anos								
Ano 3	Transformar	Armazenar	Venda	Plantas medicinais	Armazenar	Restaurante	Hotelaria	Marceneiro
16 anos	os produtos							
Nível 2								
<i>Em função da demanda no tempo e nos conteúdos</i>								
Ano 1	Agroindústria – Gestão da Empresa				Aperfeiçoamento			
Ano 2	Comercialização etc...				Organização de Empresa			

ANEXO B - Rendimento médio mensal de todos os trabalhos da população ocupada, em reais

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Rendimento médio mensal de todos os trabalhos da população ocupada, em reais						
	Total	Posição na ocupação					
		Empregados		Militares e estatutários	Trabalha- dores domésticos	Conta-própria	Emprega- dores
		Com carteira assinada	Sem carteira assinada				
Brasil (1)	726,60	745,90	404,50	1 210,90	332,70	568,10	2 261,40
Norte (2)	598,90	572,00	389,90	1 022,90	283,00	457,40	1 936,80
Rondônia	678,10	604,80	394,20	1 238,50	277,20	538,50	1 667,40
Acre	749,30	725,50	498,40	1 314,70	252,00	493,30	2 147,90
Amazonas	647,50	588,60	436,80	971,60	290,90	511,40	2 840,70
Roraima	660,10	551,60	548,20	1 105,20	230,00	392,20	2 093,60
Pará	516,30	541,90	339,80	938,00	290,90	390,00	1 646,90
Região Metropolitana de Belém	572,80	603,00	382,00	1 235,90	289,90	380,30	1 669,10
Amapá	799,30	664,60	526,30	1 284,70	252,00	654,80	3 170,10
Tocantins	553,10	510,00	364,70	801,80	293,50	409,40	1 916,60
Nordeste	429,50	521,20	259,00	919,80	262,00	290,40	1 544,80
Maranhão	408,90	515,40	287,00	837,70	268,80	280,40	1 764,30
Piauí	355,70	529,20	260,20	1 046,00	254,30	172,20	1 055,00
Ceará	397,70	501,60	243,20	938,30	263,10	274,50	1 418,80
Região Metropolitana de Fortaleza	571,30	553,20	319,30	1 218,40	271,70	460,00	2 143,30
Rio Grande do Norte	456,00	501,40	256,40	906,80	271,40	322,30	1 192,60
Paraíba	441,90	507,30	292,30	943,40	248,50	272,80	1 080,00
Pernambuco	446,20	525,70	270,70	914,80	269,70	320,00	1 380,60
Região Metropolitana de Recife	594,70	616,40	413,40	1 163,50	276,60	415,10	1 946,10
Alagoas	438,20	434,10	237,00	969,80	241,60	308,40	2 157,00
Sergipe	484,60	495,80	266,00	1 019,70	277,20	370,90	1 640,10
Bahia	444,50	561,10	247,00	884,50	256,40	309,70	1 885,30
Região Metropolitana de Salvador	640,90	671,10	360,30	1 111,70	263,40	465,20	2 601,50
Sudeste	862,20	840,00	481,40	1 317,30	353,50	761,00	2 535,10
Minas Gerais	615,70	607,00	335,20	1 008,90	290,00	504,90	1 894,50
Região Metropolitana de Belo Horizonte	780,60	728,70	502,40	1 548,90	306,10	660,90	2 196,80
Espírito Santo	658,70	638,40	356,10	1 175,10	273,30	552,50	1 959,30
Rio de Janeiro	886,80	848,10	576,60	1 533,70	376,50	700,80	2 522,60
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	945,70	894,00	643,40	1 623,00	390,50	749,00	2 627,90
São Paulo	982,70	933,00	550,90	1 374,80	379,10	943,80	2 914,50
Região Metropolitana de São Paulo	1 082,30	1 085,20	621,50	1 493,80	437,00	1 036,80	3 115,00
Sul	799,70	710,80	479,10	1 299,80	321,10	710,00	2 277,20
Paraná	791,20	694,20	469,20	1 172,60	315,00	711,00	2 600,90
Região Metropolitana de Curitiba	898,10	784,30	584,40	1 351,20	361,00	927,70	2 398,70
Santa Catarina	851,20	723,00	506,70	1 496,60	314,70	864,30	1 987,10
Rio Grande do Sul	779,00	719,10	474,80	1 310,10	327,80	640,50	2 175,80
Região Metropolitana de Porto Alegre	915,40	823,70	591,80	1 749,00	379,40	767,70	2 330,10
Centro-Oeste	820,30	708,40	485,20	1 468,40	316,70	687,80	2 398,60
Mato Grosso do Sul	709,30	594,60	405,30	1 079,00	291,50	612,50	2 181,60
Mato Grosso	740,40	632,50	483,60	1 067,90	296,60	633,20	2 799,60
Goiás	676,80	613,50	419,70	983,80	322,10	622,80	2 108,10
Distrito Federal	1 374,00	1 046,10	879,90	2 542,20	340,60	1 125,20	3 132,00

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2003.

Notas: 1. Rendimento mensal de todos os trabalhos das pessoas ocupadas de 10 anos e mais de idade com rendimento.

2. Excluído sem declaração de posição na ocupação.
- (1) Excluído a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá. (2) Excluído a população rural.